Resenha Musical

Diretor: Prof. CLOVIS DE OLIVEIRA

Ano III • S. PAULO, Fevereiro e Março — 1941 • Ns. 30 e 31

Souza Lima

Onde os GRANDES MESTRES revivem...

Animado por suas mãos de artista, o piano BRASIL reviverá os grandes mestres. É de mecanismo perfeito, de sonoridade impecavel. Louvam-no os interpretes mais famosos. Encha seu lar de harmonias com esta obra prima que é o orgulho da nossa industria.

Pianos Brasil

S. A. NARDELLI

Rua Stella, 63 — Tel. 7-5214 e 7-2274 — S. Paulo

Aos Leitores

RESENHA MUSICAL é a revista musical de maior divulgação no Brasil.

Uma assinatura anual de RESENHA MUSICAL custa apenas 20$000.

Numero avulso: 3$000

Suplemento avulso: 3$000

RESENHA MUSICAL não publicará notícias de concertos, audições ou de festivais artisticos, quando não receber dos promotores ou interessados, convite ou comunicado, dirigido diretamente à Redação ou por intermédio de seus correspondentes.

RESENHA MUSICAL não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nas cronicas assinadas.

Reproduzir artigos, fotografias e gravuras especiais ou originais de RESENHA MUSICAL, É EXPRESSAMENTE PROIBIDO.

RESENHA MUSICAL não mais será enviada ás pessoas que não tomaram sua assinatura.

Colaboração escolhida e solicitada. RESENHA MUSICAL não devolve originais.

RESENHA MUSICAL não fornecerá gratuitamente aos assinantes, numeros atrazados, extraviados ou anteriores á data da assinatura.

RESENHA MUSICAL

MENSAL

Diretor: Prof. Clovis de Oliveira - Secretaria: Profra. Sra. Ondina F. B. de Oliveira

Redação: Rua Conselheiro Crispiniano, 79 — 8.º andar — Edificio Itaíba. São Paulo

É a revista musical de maior circulação no paiz.

Fundada em Setembro de 1938 — Assinatura anual, 20$000.

Registrada de acôrdo com a Lei e no DIP.

Colaboração escolhida e solicitada — Suplemento Musical, especial.

Correspondentes em quasi todas as cidades do Brasil.

Colaboradores Nacionais e Estrangeiros.

Nossa Capa

Homenagem a Souza Lima

O maestro João de Souza Lima, nasceu em São Paulo, tendo sido os seus primeiros mestres do piano José A. de Souza Lima e Luiz Chiafarelli, e de harmonia e composição, o prof. Agostinho Cantú.

Em 1919, o governo de São Paulo enviou-o a Paris, onde teve como mestres: L. Philipps, Brailowsky e Marguerite Long, piano: Maurice Emmanuel, história da musica: Camille Chevillard e Paul Paray, musica de camera: E. Cools, harmonia e composição e E. Gigout, órgão.

No ano de 1922 obteve o primeiro prêmio de piano do Conservatório de Paris alcançando, no ano seguinte, o lugar de Solista dos "Concerts Colonne", tambem na Capital francesa, lugar esse a que foi guindado por concurso. Realizou, desde então, "tournées" de concertos na França, Allemanha, Italia, Suissa, Bélgica, Hespanha, Norte da Africa (Tunisia, Algéria e Marrocos), Republica Argentina, Uruguay e Brasil. Tocou como solista, com acompanhamento de orquestra, sob a direção de: Gabriel Pierné (Concerts Colonne, de Paris); Gaubert (Société des Concerts du Conservatoire de Paris); Bachelet (Concerts du Conservatoire de Nancy); Gustave Bret (Société Bach, de Paris); Witkowski (Société des Grands Concerts de Lyon); Guignache (Concerts classiques de Biarritz); Lamberto Baldi (Concertos Sinfonicos de São Paulo); Villa Lobos (S. Cultura Artistica de São Paulo); Burle Marx (Sociedade Filarmonica do Rio de Janeiro e do Colón de Buenos Aires); E. Melich (Cultura Artística de São Paulo); e, outros.

Recebeu as condecorações seguintes: "Officier de l'Instruction Publique de France"; "Officier du Ouissam Alaouite du Marroc"; "Commandeur du Nichan Iftikhar de Tunisie".

Consagrado pela crítica mundial como um dos maiores virtuoses do piano, Souza Lima percorreu os maiores centros artísticos do mundo.

Dedicando-se ultimamente à regência, revelou-se um dirigente seguro e o mesmo conhecedor profundo da forma e da interpretação. A crítica nacional tem dedicado às suas execuções os maiores elogios.

Como compositor tem publicado valiosas óbras. Destacamos de sua bagagem, "O Rei Mameluco", poema sinfônico de inconfundivel valor, primeiro premio no concurso instituido pelo Departamento de Cultura de São Paulo, em 1936; "Bailado das Lendas Brasileiras" que empolga não só pelo lindo colorido emprestado às meigas tradições do nosso folclore como tambem pela forma perfeita da estrutura musical moderna.

Em suma, Souza Lima, — "presente glorioso de São Paulo que o Brasil nunca saberá como agradecer. Grande pianista, que a intelectualidade européia colocou na galeria dos maiores contemporaneos do teclado. Organização artística incomparavel, virtuose, compositor, sacerdote da Arte, em cujo altar depõe os louros da sua gloria e as rosas do seu coração altruista e protetor". (Palavras de Arnaldo Estrela) — é honra da arte nacional.

Wagner

sua obra e sua vida

J. G. Prod'homme

A vida de Richard Wagner

Wilhelm-Richard Wagner, nasceu em Leipzig, no dia 22 de Maio de 1813.

Richard foi posto, aos nove anos, na **Kreuzschule**, de Dresde, onde vivia sua familia e aí começou seus estudos de música.

Em 1827, sua família, tendo voltado a Leipzig onde uma de suas irmãs, Rosalie, havia sido contratada no Teatro Municipal, Richard entrou na **Nikolaischule.**

Pouco depois, deram-lhe um bom mestre de música: Weinlig; e, desde 1830, fazia executar uma ouverture, o "cúmulo das absurdidades" como ele mesmo dizia, sob a direção de Dorn.

A revolução inspirou-lhe uma sinfonia revolucionaria, seguida de uma sonata, da Ouverture do "Roi Ezio" (executada no teatro em 1832), de uma Ouverture em ré, executada no mesmo ano e de uma sinfonia que levou para Viena, mas que não teve nenhum sucesso.

Depois de Viena, Wagner, que contava então, dezesete anos, visitou Praga e compôs o cênario da ópera, "La Noce"; em seguida voltou para Leipzig, onde sua sinfonia, executada duas vezes, durante o inverno, fôra acolhida favoravelmente.

Em 1833, em casa de seu mano Albert, em Wurzbourg, Richard compôs sua primeira ópera: "Les Fées", inspirada na "Donna Serpente", de Carlo Gozzi.

À ópera "Les Fées" sucedeu "La Novice de Palerme" ou "La Defense d'aimer", imitado livremente de Shakespeare, onde o jovem Wagner dava expansão às ardentes idéias de liberdade, que acordavam nele, a leitura de "La Jeune Europe" de Laube, e de "Ardinghello" de Heinse.

Daí Wagner foi ao Teatro de Koenigsberg, onde casou-se em 24 de novembro de 1836, com uma jovem atriz, Minna Planer. O casal não foi feliz, sobretudo no começo, um pouco por sua situação material, um pouco pelas "explosões de um ciume intoleravel" por parte do marido.

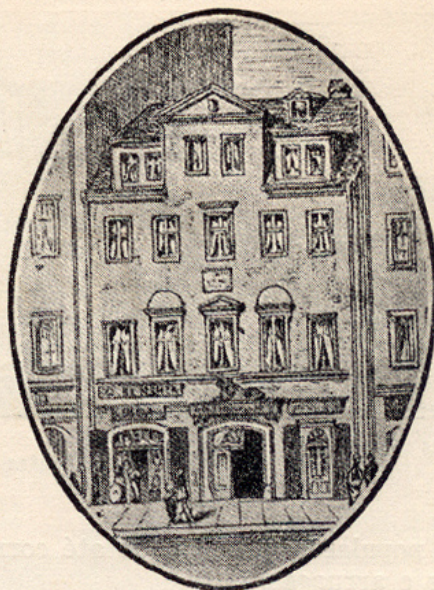
Wagner precisou voltar para junto de sua familia em Dresde.

Encontrou logo (nos fins de 1837), a posição de diretor de música no longínquo Teatro de Riga, que acabava de ser inaugurado, sob a direção de Carl Holtei.

Ao cabo de dois anos, devorado pela impaciência, Wagner embarcou diretamente para Paris, sem nem saber o que iria fazer nessa cidade.

Três anos passados em Paris, com as mais tristes preocupações materiais, com trabalhos pseudo-musicais e literários, dos mais infimos, fizeram Wagner pensar seriamente em si e revelaram-lhe sua missão artística. Rienzi tendo sido aceito pela intendência de Dresde e "le Hollandais" por Mayerbeer em Berlim, Wagner deixou Paris, no dia 7 de Abril de 1842.

A morte de Rastrelli em 14 de novembro de 1842, deixou vago, o lugar de "kapellmeister". Wagner aceitou a sucessão de segundo chefe de orquestra e durante os sete anos que foi adjunto de Reissiger, empregava nas suas funções, com um salario de 1.500 thalers (mais ou menos 5.600 francos) uma atividade prodigiosa; como **kapellmeister** e como artista criador.

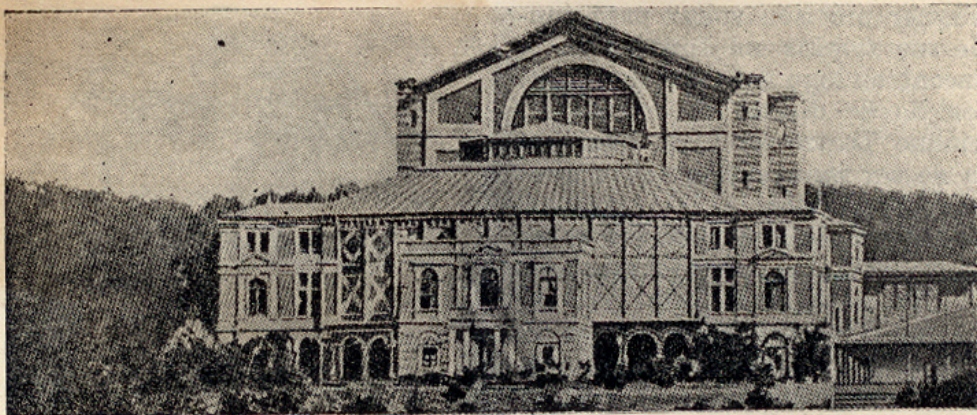
No dia 6 de julho de 1843, no "Frauenkirche" fez executar sua

A casa em que morreu Wagner

"Cène des Apôtres". No domingo de Ramos, de 1846, revelou ao público de Dresde, a "Nona Sinfonia" de Beethoven, que antes disso permanecera esquecida e desconhecida.

Na primavera de 1845, terminou a partitura de "Tannhauser" e "la guerre des Chanteurs à la Wartbourg", ópera romantica em três atos, tendo dirigido a primeira, no dia 19 de outubro.

No caminho que acaba de traçar, com essa obra nova, em progresso sensivel sobre "le Hollandais", ele compõe com coragem e entusiasmo "Lohengrin" (de 9 de setembro de 1846 ao 28 de agosto de 1847, essas datas têm sua eloquência), inspirada pela legenda da Saint Graal, da qual Wagner tirará "Parsifal", sua última obra.

Entretanto, os acontecimentos políticos, prendiam a atenção do jovem "kapellmeister".

A revolução de Fevereiro, tinha encontrado um terreno favoravel na Alemanha; em toda parte, movimen-

O Teatro de Bayreuth, teatro modelo das representações wagnerianas

tos populares, provocando até correrias e arruaças.

Wagner, preso às idéias de liberdade e de unidade nacional, que lhe pareciam favoráveis aos seus pensamentos revolucionarios em arte, comprometia-se por discursos e artigos na imprensa "radical" aos olhos da intendência que se vingava com pequenos vexames, contra esse funcionario indisdiplinado, recusando-lhe, por exemplo, a satisfação de ouvir em Weimar o "Tannhauser" que Liszt acabava de pôr em cêna.

Wagner que havia participado a seu modo em revoltas, tocando os sinos do alto da Kreuzthurm, improvisando-se assim, o diretor musical da revolução, poude escapar no momento que as perseguições impiedosas iam começar e os conselhos de guerra a funcionar.

Partiu, afim de visitar Liszt, em Weimar, onde chegou no dia 13 de Maio. No dia seguinte, não lhe convindo as idéias alemãs, Wagner preparou-se para ir à Suissa.

Então começou o exilio, o periodo mais fecundo da existência de Wagner, que terminou no dia, em que o enviado do rei da Baviera, tendo encontrado Wagner em Stuttgart, conduziu-o imediatamente para Munich.

Depois de um mês passado na França, onde escreveu sua primeira brochura teórica: "Art et Révolution", que destinava ao National de Paris, Wagner dirigiu-se a Zurich, onde sua esposa fora espará-lo.

Esse periodo de Zurich (do mês de Julho de 1849 ao mês de Agosto de 1858), foi o mais fecundo e o mais decisivo na vida artística de Wagner. Sucessivamente, apareceram "Art et Révolution" o "Oeuvre d'art de l'avenir", de onde tiraram a espirituosa expressão de "música do futuro". "Opera et Drame", sua maior obra, uma autobiografia, uma confissão, melhor intitulada "Communications à mes Amis", e "Trois Poèmes d'opera", etc.

Nos dias 18, 20 e 22 de Maio de 1853, foram executados, no antigo teatro de Zurich, os memoraveis con-

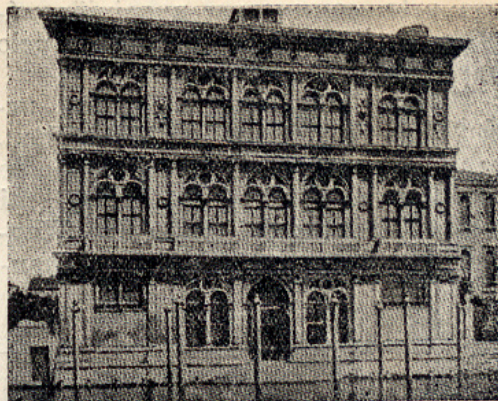
Pedimos aos nossos prezados assinantes a fineza de nos avisar sempre que houver mudança de endereço, evitando extravios na reméssa da nossa revista.

certos wagnerianos, dirigidos por ele mesmo. Apareceram concertistas de Weimar, de Francfort, de Wiesbaden. O sucesso foi grande. Em Maio de 1854, o "Rheingold", prólogo do "Anneau", estando terminado,, Wagner o leu em presença de seus amigos.

No dia 16 de Fevereiro, do ano seguinte, no teatro de Zurich, apresentaram a "premiére" de "Tannhauser", seguida por três outras, apresentações. Esse resultado, encorajou Wagner a terminar a "Walküre", primeira parte do "Anneau", da qual deu uma audição a seus amigos, no Hotel-Baur (22 de Outubro de 1856).

O inverno de 1856-1857, foi em grande parte consagrado a composição de "Siegfried"; a segunda parte do "Anneau" (le Rheingold) data do inverno de 1853-54, a "Walküre", do segundo semestre.

Nesse interim, "Lohengrin" e "Tannhauser" conquistavam aos poucos, as cênas e palcos da Alemanha e Austria.

A idéia de conquistar Paris, impôs-se no espírito de Wagner, e Liszt não o dissuadiu, de instalar-se nesse Paris, onde o pequeno "kapellmeister" de Riga, havia ido vinte anos antes. Mas dessa vez, não foi no modesto alojamento dos "Halles 3, rua da Tonnellerie, que hospedou-se; foi em pleno Champs Elysées, avenida Matignon, 4. Mas logo alugou perto da Avenida do Bois de Boulogne, rua Newton, uma bela morada, de onde acabava de mudar-se o romancista Octave Feuillet.

A Casa onde nasceu Wagner

Depois de Paris, voltou às margens do Rheno, em Biberich, continuando a trabalhar na sua partitura.

Em abril de 1864, encontrava-se em Stuttgart, com idéias de ir a Suissa. Foi aí que o Senhor de Pfistermeister, o enviado do jovem rei da Baviera, Luiz II, que o tinha procurado inutilmente em Viena e em Mariafeld, o encontrou. O sonho do genio, começava a realizar-se. O jovem rei da Baviera, Luiz II, que acabava de subir ao trôno, estava entusiasmado com as obras wagnerianas, as quais já tinha ouvido. Seu desejo fôra, que logo que subisse ao trôno, chamaria o autor a Munich. E sua primeira preocupação foi de chamar Wagner para junto de si.

No começo tudo foi bem. Wagner tornou a pôr em cêna "Tannhauser", já inscrito no repertório de Hoftheater de Munich; fez representar o

"Hollandais" , depois fez ensaiar "Tristan et Iseult". Tristan (10 de Junho de 1865) com Schonorr von Carolsfeld e sua esposa, vindos de Dresde causou grande impressão sôbre os espectadores, mas somente quatro representações, foram dadas nessa época. As prodigalidades do jovem rei em favor de Wagner e de sua arte, comoveram a opinião pública, excitada pela imprensa e pelo partido dos descontentes.

Wagner abandonou a Baviera, pela Suissa; e fixou-se em Triebschen, perto de Lucerne. O periodo de Triebschen, como o de Zurich, foi muito fecunda; foi então que Wagner terminou os "Maitres chanteurs", "Siegfried" e quasi toda a última parte do "Anneau de Nibelung", o Crépuscule des Dieux". A vitória estava assegurada!

Depois a "Tetralogie", depois Parsifal" a missão de Wagner havia terminado.

Sua vida devia findar.

Uma última viagem a Italia, em Veneza, berço de Tristan, lhe fizeram deixar a Alemanha pela última vez, após as triunfantes, mas cansativas, representações de 1882.

No dia 13 de fevereiro de 1883, na sua suntuosa residência, no palacio Vendramin, Richard Wagner, vitimado por um ataque de aploplexia, exhalava seu último suspiro.

Prof. Luiz Heitor Corrêa de Azevedo

visitou "Resenha Musical" - seu termo de visita:

"Em visita à Redação de "RESENHA MUSICAL", que mensalmente afirma a nossa capacidade de organização — com uma constancia ainda não atingida por nenhuma outra publicação desse genero, em nossa terra, excetuados os 7 anos tão irregulares da "Revista Brasileira de Música", que tem facilidades oficiais para a subsistência — manifesto a minha admiração, já tantas vezes reiteradas, pela óbra de divulgação cultural que a "RESENHA" tem cumprido e junto, nesta mesa, a que me inspira o ambiente tão acolhedor, tão refinadamente artístico e tão revelador de trabalho sério e seguro dos seus objetivos."

São Paulo, 29 de Janeiro de 1941.

(aa.) LUIZ HEITOR CORRÊA DE AZEVEDO
Camargo Guarnieri
Artur Pereira
Jorge Kaszás

SCHUBERT

Pe. Luiz Gonzaga Mariz, S. J.
Baia, 8-XII-940

Especial para RESENHA MUSICAL

Não cabe, nos estreitos, marcos dum artigo, a análise da vida e da obra dêste, por tantos títulos, notavel músico.

Limitar-me-ei, pois, a dar uma sensação das características do grande Mestre que foi Schubert.

Coube a este autor a gloria de criação do "lied" moderno, atingindo nele a máxima perfeição.

Nem Schumann, nem J. Brahms, nem Hugo Wolff o superaram, apesar de aperfeiçoarem, sob certos aspectos, o "lied", inspirando-se em composições mais literárias.

Schubert, soube pedir ao italianismo do século XVIII, o que ele teve de bom, para o combinar com o romantismo. Desta aliança heterodoxa, resultou uma melodia, suave, inefavel, insinuante.

É, por conseguinte, como uma confidência, que se deve ouvir o "lied".

Mais do que num salão de concerto, é no conchêgo intimo do recanto duma sala de família que o "lied" empolga e convence.

Para Schubert, o "lied", não é um produto frio e hirto da inteligência. Nem ainda o resultado duma operação algébrica.

É, sim, a linguagem cálida, dum coração robusto e terno, sensível e puro.

Segundo Mauclair o "lied" "é a cristalização das emoções e ternuras duma raça".

E Schubert, foi o alquimista mágico a quem coube a bôa sorte de condensar no cadinho da matéria o absoluto da inspiração dum povo.

O "lied" de Schubert, sucedendo à sombria Reforma e ao coral hirto e frio de Lutero semelha-se ao sorriso inocente e ingênuo da criança depois duma crise de chôro convulso.

É incontestável que Schumann criou o impressionismo musical no "lied" insuflando-lhe uma dutibilidade insuperavel.

Mas — no dizer de Mauclair — se Schumann é o rei do "lied", Schubert personifica-o, sintetiza-o. incarna-o, identifica-se com êle.

Schubert, concebeu o "lied", deu-lhe vida e graça, criando-o sadio e perfeito.

Schumann, por sua vez, apossou-se dele, insuflando-lhe uma nova alma repleta de energias sugestivas.

Esta a razão, porque entre os dois autores ha tantos pontos de contáto, semelhança e parentesco.

Na hora que passa — toda de snobismo e altivês — já se não ouve a Serenata de Schubert sem que um sorriso de superior desdem se esboce.

Cheira a môfo e a bafio, essa música gasta e râneida.

Mas a verdade é, que esta melodia doirada, concebida e anotada entre dois "chops" numa cervejaria, será sempre universal, pela graça ingênua e surpreendente melancolia que dela se evola.

Schubert terá porventura cedido um tanto ao sentimentalismo dengoso e mórbido, mas também conseguiu, sob o sôpro da inspiração, escrever uma das páginas mais humanas e universais que o gênio concebeu e realizou.

A Estética Wagneriana

CATULLE MENDES (1)

Nem o admiravel Gluck, que podia ter sido um grande poeta e que sentia as azas de sua melodia presas na poesia clássica; nem o sublime Beethoven, que lutou inutilmente em Fidelio, contra a banalidade do seu libreto, nem mesmo Weber que com Euryanthe, fazia prever Lohengrin, não realizaram esse sonho: o duo da poesia e da música, harmoniosamente casadas na unidade do drama.

Uma página entre outras me prendeu a atenção em "Opera et Drame" um dos mais importantes trabalhos teóricos de Richard Wagner. Traduzo-a de memória:

"Existem três músicas:

Ha a música italiana, deliciosa e perversa, que provoca e deprava, princesa talvez, cortezã certamente; bela como as Venus de Titien e impúdica como as Arétines de Pierre d'Arezzo; não se importando com nada, só de se fazer gostar e perturbar, triunfando das almas fortes, por sua propria fraqueza, lindas naturalmente, perturbadoras como um encantamento lascivo, mas banalisando sua beleza, em vulgaridades.

Marton, Marinette ou Zerbine, era a música francesa. Um resto de beijo sobre os lábios... Ela ria... Nada lhe parecia melhor do que falar com Gentil Bernard, no terraço florido de alguma taverna e se ela se enternecia, era sobre a sorte de alguma margarida, desfolhada na correnteza do regato. As vezes fantasiava-se de heroina. Isto era um capricho de menina. Teria-se jurado que ela tomava a sério, seu papel de profetisa bíblica, ou seu papel de Agnès quando ela vivia com Herold...

Mas, seu "bonnet" não tardava a voar por sobre os moinhos, apezar da atadura trágica ou da grinalda de flores de laranjeira, que se coloca no terceiro ato. Os dois punhos sobre as ancas. Sentindo a ausência de Vadé, mas contentando-se de Scribe; ela ria da arte séria, troçava do Conservatório, bosculava a Grande Opera , pressentindo talvez, que num futuro não muito longínquo seria a filha de Mme. Angot.

E havia a música alemã. Ah! Essa olhava de longe, surpreendida, sua irmã italiana que se espreguiçava com uns langores de sesta. Ela zangava-se dos lábios rosados cheios de beijos, e dos punhos sobre as ancas de sua desajuizada irmã fran-

(1) Extraido de "Richard Wagner" (Bibliotheca Charpentier. E. Fasquelle, Editeur.

Algumas caricaturas de Richard Wagner

cesa. Era altiva, robusta, ajuizada e criada para os serviços fortes e pezados. Era bela. Apezar dos seus primeiros amores com Bach e Haydn, apezar de Mozart, que tentara seduzi-la e de Beethoven que a tinha estreitado fortemente, sobre seu coração, sentia-se incompleta e atormentada e apezar de sua placidês aparente, ela amaldiçoava sua solicitude. Ela esperou um esposo, num dia que Beethoven escrevia, Schiller ajudando, a nona sinfonia. Foi um lindo noivado, promessa de um futuro casamento.

Todo o sistema de Richard Wagner está exprimido por essa alegoria. O alvo para o poeta-músico, não é a poesia, não é a música. O único alvo é o drama, isto é a ação, a paixão, a vida. Poesia e música são somente meios. Elas se sacrificam quando precisa, ao efeito superior que deve ser produzido. As vezes é necessário que seu encanto pessoal se apague, desapareça... como se não existisse. A admiração por uma delas, nunca deve pôr obstáculo, à emoção que engendra sua união. Tratase de uma arte nova.

Se procura a poesia alemã, leia Goethe. Se quer a música alemã, ouça Beethoven. Se o drama o atrai, procura Richard Wagner.

Flexibilidade muscular

Waldemar de ALMEIDA
Natal, Rio Grande do Norte

(Do livro no prélo
"Normas Pianísticas")

A pouca compreensão que muitos têm a respeito da independência muscular necessária para a prática de passagens técnicas que encerram grandes dificuldades, é a causa principal de muitos desânimos e desistências. Sem alguma noção de anatomia, pelo menos do braço e das espáduas, a observação das atividades e passividades musculares não pode ser praticada facilmente. Durante as horas de estudo, é necessário dar-se muita importancia à flexibilidade dos movimentos e máxima atenção ao relaxamento muscular, com o fim de, pouco a pouco, irem-se observando os mil esforços inúteis, que a ignorância dos recursos orgânicos do nosso aparelho tatil, leva o aluno desavisado a fazer.

Porque não se dar ao movimento, quando sentado ao piano, a mesma liberdade de ação de quando se está passeando, merendando ou palestrando no conforto das poltronas?

Em geral, o aluno principiante, que pouco tempo antes da lição está comodamente sentado esperando a sua vez, a nenhum esforço muscular está obrigando o seu corpo. No momento de sentar-se ao piano e iniciar o exercício, deixa evidenciar claramente o que todo o seu corpo começa a sofrer contrações musculares exageradas.
Até os pés ficam hirtos, numa posição que não é possivel conservar por muito tempo. Das espáduas até a última falange dos dedos, os braços, ante-braços, pulsos, ficam como que um só bloco, semelhando, na sua dureza, uma perna de banco.

Dempsey, mais pesado e mais forte, foi derrotado no "ring" por Tuney, mais leve e sem característica de leão... O que fez a vitoria espetacular de Tuney não foi a força, portanto, sem emprego da inteligência, a qual ditava a economia refletida dos menores movimentos inúteis. Enquanto Dempsey, sem observar o esforço que a menor contração muscular exige, levava o sôco ao seu contendor com os braços rigorosamente endurecidos, Tuney, compreendendo as vantagens do movimento de ampla liberdade dos músculos, atingia mais rápida e frequentemente o

seu antagonista. O hábito de contrairem-se, sem necessidade, os músculos ao praticar-se uma ação que não seja de todo natural ao corpo, nos persegue desde a idade infantil e se acentua mais, quando iniciamos a aprendizagem da escrita.

Entre adultos, talvez não se consiga selecionar dois por cento dos que escrevem naturalmente, sem nenhum esforço. A pressão da pena ou do lapis sobre o papel é tanto maior quanto maior fôr o gráu de analfabetização de cada um. No entanto, abandonando-se o braço molemente sobre a mesa, equilibrando-se o lapis entre os dedos e a folha de papel, cancelando-se qualquer força instintiva que se venha a manifestar, é possivel escrever-se, sem cansaço algum.

Se estamos à mesa e nos vamos servir de um prato, fazêmo-lo com a maior naturalidade e com movimentos mais naturais ainda levamos o alimento à bôca... Quem é que, não sofrendo de reumatismo ou outra molestia que dificulte a articulação, anda pelas ruas com as pernas duras?

Porque no jogo do bilhar, por exemplo, os braços conservam a posição cômoda e livre para a "tacada", e esses mesmos braços, quando ao piano, se retesam numa contração muscular superior a que fazem os carregadores, ao terem de transportar esse instrumento?...

Para que pôr em ação todos os músculos do corpo, para mover-se apenas um dedo?

Combater o desconhecimento dos recursos orgânicos do aparelho tatil, obtendo pelo estudo o aperfeiçoamento fisiológico do movimento, que em si não deixa de ser uma verdadeira ciência; combater a ignorância da correlação existente entre o caracter dos movimentos e os meios que se empregam para realizá-los é tarefa de suma importância.

"Tudo é possivel no piano, mesmo que à primeira vista pareça impossivel. Basta trabalhar com inteligência."

Grieg, por sua vez, afirmou que o sucesso no piano consiste em que cada posição e cada movimento se executem da maneira mais facil e mais natural.

Nunca será possivel vencer as varias dificuldades da execução sem o conhecimento consciente dos movimentos em todos os seus matizes. A atividade cerebral deve agir para que se possa aprender a governar os músculos, tornando-os aptos a se movimentarem rápida e independentemente.

Uma segunda semana de arte moderna

Amadeu Amaral Jor., o organizador da II Semana de Arte Moderna

Amadeu Amaral Junior
Especial para "RESENHA MUSICAL"

Em novembro de 1940 comecei pelo "Jornal da Manhã" uma "enquête" a respeito de uma segunda Semana de Arte Moderna. O primeiro entrevistado, o verdadeiro pai da idéa, foi Oswaldo de Andrade. Mas a idéa do autor de "Serafim Ponte-Grande" era a de que uma segunda semana dessa natureza devia ser destinada puramente a celebrar o vigesimo aniversario da primeira. Introduzi na "enquête" a idéa complementar de que a Segunda Semana fosse assim uma especie de enterro de luxo da primeira, da famosa, de 22. De acordo com o meu pensamento esse novo movimento devia encerrar o ciclo dos modernistas de ha vinte anos e abrir um novo ciclo para as atividades artísticas nacionais.

Posteriormente, pelo proprio dinamismo da "enquête" surgiu outra idéa: a de aliar à segunda semana as verdadeiras forças vivas nacionais, ou de qualquer maneira menos mortas: o esporte, o radio, a aviação e o cinema. Essa nova idéa creio que é minha, bem minha e é bom ir desde já estabelecendo isso para futuras discussões a respeito de prioridades na materia. Com ela eu visava dar à segunda semana um carater muito mais amplo do que teve a primeira. Esta ficou reduzida aos escritores, artistas, academias e escolas.

Admiti nesse ponto a colaborar comigo na "enquête" um brilhante colêga, o sr. José Faria, em quem reconheço um indiscutivel valor novo das nossas letras. Apresentei-o,

portanto, ao jornal, que aceitou os seus trabalhos e desde então, viémos trabalhando juntos neste assunto.

Não opuz dificuldades tambem a que este jornal designasse outros reporteres para examinar novos aspétos dos problemas levantados no decorrer das entrevistas que eu e José Faria vinhamos fazendo.

Embora a "enquête" ainda não esteja terminada, já se póde fazer um balanço dos seus resultados praticos. Assim é que por ela ficou claramente demonstrado como vivem fóra do teu tempo escritores como Monteiro Lobato e Yan de Almeida Prado, que ainda fazem piada com arte moderna. Outra coisa demonstrada é que os jovens como Sangirardi Junior e Mauricio Loureiro Gama estão convitos de que a Segunda Semana deve ser uma repetição, um plagio da escandalosa bagunça de 22. Ainda pensam em destruir coisas quando ha muito que a palavra de ordem da cultura brasileira deve ser: "construir". Algumas respostas foram sensatas: as de Sergio Milliet, Mario de Andrade, Anita Malfatti, Rossine Camargo Guarnieri. Sensatas, mas pouco dinamicas. Outras estavam inteiramente erradas, não haviam pensado nem de longe na seriedade do movimento e nas suas possibilidades. Destas a mais errada foi a de Fernando Góes, na entrevista que concedeu a José Faria.

Ocorre-me ainda o seguinte: Não poderão perguntar porque a iniciativa dessa segunda Semana partiu de um jornalista e não de um artista? Talvez perguntem isso. Contudo eu respondo que não é essa a minha opinião. Nunca me conformei, como jornalista, com o papel meramente reflexo de um espelho dos acontecimentos promovidos por outros. Penso que o jornalismo por excelencia é o que vai descobrir as necessidades de uma coletividade para as debater sob a forma de "enquêtes" e reportagens. E pensando assim, me parece que ninguem mais indicado que um jornalista para tomar a iniciativa de um movimento como esse.

SEGUNDA SEMANA DE ARTE MODERNA (A SE REALIZAR EM 1942)

Programa teórico

I — Acreditar na grandeza do Brasil e em seu imenso futuro. Honrar os grandes vultos nacionais e combater o ceticismo e o desanimo antipatrióticos.

II — Estabelecer uma comemoração regular, com data fixa, da 1.ª Semana de Arte Moderna. Essa comemoração seria, assim, uma especie de "Festa da Inteligência Brasileira".

III — Fazer um balanço dos valores surgidos em 1922 e posteriormente em todos os setores da vida nacional e procurar determinar as aspirações culturais que se manifestaram nesse meio tempo, assim como as correntes artisticas que persistem.

IV — Apurar em que extensão a 1.ª Semana influiu na evolução cultural do Brasil.

V — Apoiar e incentivar todos os movimentos culturais que surgirem em nosso país e possam ter alguma relação com a Semana de Arte Moderna, como aparecimento de jornais, revistas, editoras, estudios cinematográficos, estações radio-difusoras e programas de radio. Colaborar no reerguimento do teatro nacional e amparar o cinema de carater educativo, cultural e artistico. Divulgar os aspétos mais modernos da Propaganda.

VI — Debater especialmente o movimento pró-"lingua brasileira", apoiando o aparecimento dos dicionarios de brasileirismos, glossarios e gramaticas do dialéto brasileiro.

VII — Debater os problemas econômicos do momento e analisar as leis sociais brasileiras. Pleitear melhorias economicas para os escritores, artistas e jornalistas, especialmente a perfeita observancia dos direitos autorais, mesmo em relação a colaborações na imprensa e no radio. Examinar os problemas relativos à familia e o divorcio, bem como às condições da mulher em nosso país e no estrangeiro.

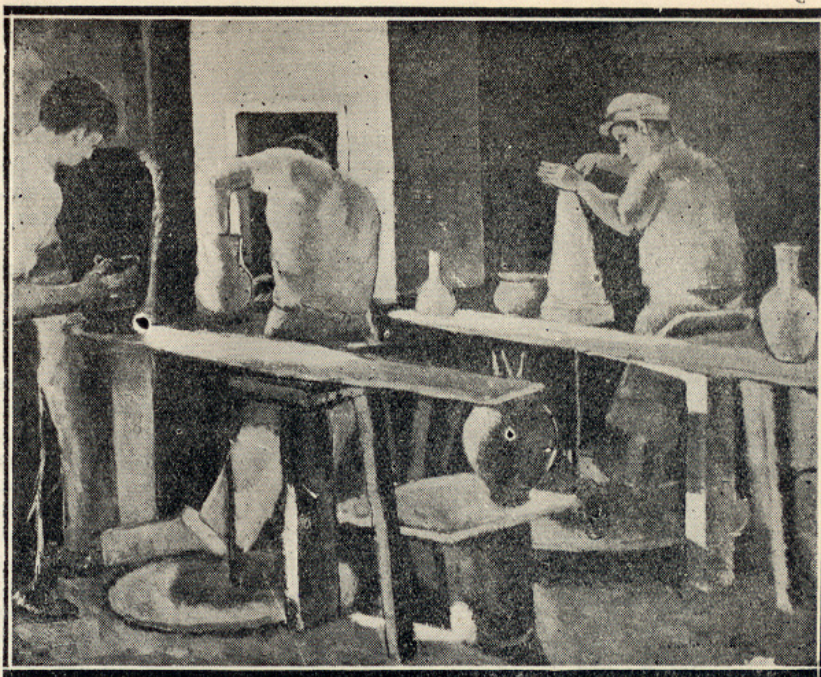
VIII — Bater-se por um mais perfeito conhecimento entre os intelectuais das varias partes do Estado, do país, das Américas e do mundo em geral, promovendo o intercambio por meio de conferencias, palestras e viagens. Examinar o problema das traduções de obras estrangeiras em nosso país e das versões de obras brasileiras para linguas estrangeiras.

IX — Incrementar as orientações favoraveis a uma pedagogia mais moderna, especialmente por uma transformação absoluta do ensino secundario e do ensino artistico e modernisação do superior. Fomentar a criação de cursos livres, universidades populares de conferencias para os adultos e autodidactas. Estimular as organisações de assistência à infancia, mormente aquelas que visam a formação da personalidade por meio da cultura em todos os seus aspétos. (Parques infantis, bibliotecas infantis, centros de cultura infantil).

X — Contribuir para elevar o nivel cultural da imprensa e do radio no Brasil e para o estabelecimento de mais perfeitas relações entre esportistas e intelectuais. Levar os intelectuais a praticar os esportes e elevar o nivel dos esportistas, cooperando dessa forma para um conhecimento mais geral e mais profundo dos problemas dos lazeres e da recreação. Examinar a questão do profissionalismo e a do amadorismo, nos esportes, assim como a dos campeonatos.

Programa pratico

1) Salão de Arte Infantil, de que sairá um Museu de Arte Infantil.
2) Salão de Arte dos Loucos, de que sairá um Museu de Arte dos Loucos.
3) Universidade Popular de Conferencias, que se incumbirá de manter o espirito da Semana com carater permanente.

PIN-TURA

Hilda Eisenlohr Campofiorito — Olaria

MUSEU ANTONIO PARREIRAS

Por decreto-lei n.º 219,, de 24 de Janeiro de 1941, assinado pelo ilustre Interventor Federal no Estado do Rio de Janeiro, sr. Comandante Amaral Peixoto e srs. Ernani Amaral, Ruy Buarque de Nazareth e Valfredo Martins, foi criado o Museu Antonio Parreiras, em homenagem ao saudoso pintor brasileiro.

Por força desse Decreto-lei, a casa em que residiu o grande artista, foi incorporada ao patrimonio nacional, para o que foi adquirida pelo Estado, com moveis, quadros e pertences, pela importancia de 380:000$.

Tão significativo é esse gesto do Governador Amaral Peixoto, que só louvores mereceu, tendo repercutido por todo o paiz como um feito que só por si é digno de glorificar e notabilizar um governo. **"Resenha Musical"**, que visitou a antiga moradía de Antonio Parreiras e que se integrou do que vai ser o futuro Museu, apoia esse áto feliz do Comandante Amaral Peixoto. O Decreto-lei 219, passará para os anais artísticos de nossa Patria como uma de suas páginas mais brilhantes.

* * *

Vamos dar alguns dados históricos, dos quais vários inéditos:

Antonio Parreiras nasceu em São Domingos de Niterói, a 21 de Janeiro de 1861 (em seu livro, autobiografia, intitulado "Historia de um pintor", 1881-1926, Brasil-França, dá como nascido em 1864, à rua Pampulha, hoje Visconde do Rio Branco).

Sua casa, o Atelier Parreiras, à rua Tiradentes n.º 47, custou ao artista a importancia de 35:000$, fóra o terreno que teria custado quatro contos mais ou menos. O projeto da casa coube ao engenheiro paulista Ramos de Azevedo, dedicado amigo do pintor, com cuja ajuda realizou uma exposição em S. Paulo e com a qual conseguiu a importancia com que financiou a construção de seu

atelier. Morou nessa casa desde 1894 até sua morte, ocorrida em 17 de Outubro de 1937 (expirou às 21 horas, num domingo).

Futuro Museu Antonio Parreiras

Detalhe curioso: nunca vendeu quadros na Europa, e para não dizer que nunca, mesmo, podemos citar apenas um que foi adquirido pelo Embaixador do Brasil, Oliveira Lima. Seus quadros eram como que destinados à sua Patria e aos seus patricios, à essa Patria e a esses patricios que souberam reverenciar sua memoria e assegurar a sua obra valiosíssima evitando que a mesma se dispersasse aniquilando o valor de um grande artista e de um grande brasileiro!

RODOLFO AMOÊDO

Na Associação dos Artistas Brasileiros do Rio de Janeiro, acaba de ser inaugurada uma exposição de grandes valores da pintura nacional, em homenagem ao ilustre pintor patricio Rodolfo Amoêdo.

Recentemente a Sociedade Brasileira de Belas Artes, com o apoio dos poderes publicos, erigiu na Praia do Russell a herma com o busto do consagrado artista.

Por essa ocasião pronunciou o seguinte discurso nosso confrade Sr. Amora Maciel:

"Grande Mestre Rodolfo Amoêdo: Lidadores do Espirito. Os pintores formam a familia sublime que, segundo Chateaubriand, paira, pela grandeza do Espirito, acima dos homens.

A "estranjeira", no "Banquete de Platão", afirmou, á hora dos Dialogos, que Deus não se mistura com as criaturas e que os Genios ocupam o termo médio entre o mortal e o imortal.

Houve um tempo em que a superstição, viajando pela Historia, ao lado do lendario, criou, com as Teocracias, o parentesco de Deus com os Reis e Imperadores. Dai o preconceito do "sangue azul" a correr no sistema arterial da nobreza politica, quando os principes se julgavam possuidores dos direitos de governança, recebidos, diretamente, do Supremo Artifice.

Eles, porém, mergulharam no anonimato, emquanto a Humanidade, na grande cadeia que liga o Passado ao Presente e vai pelo Futuro a fóra, reluz nos altos da cordilheira mental onde se situam, desafiando a eternidade, os Artistas, os Santos e os Sabios.

Uma bela coisa mortal passa, jamais a obra de Arte, dizemos com Da Vinci. Criar com o coração é fazer Poesia, como criar com o cerebro é construir a Ciencia e como criar com os dois é produzir a Beleza.

E, caminhando entre as dôres do Mundo, a que tenta fugir, e um sonho de perfeição a que se escraviza, a alma do ar-

RESENHA MUSICAL não publicará notícias de concertos, audições ou de festivais artísticos, quando não receber dos promotores ou interessados, convite ou comunicado, dirigido diretamente à Redação ou por intermédio de seus correspondentes.

tista sente viver, a todo instante, a sua libertação. Sai do sofrimento forçado para entregar-se a outro, voluntario e maior, porque é tambem redenção.

Senhores:

Buda, desprezando nobrezas, embrenhou-se, um dia, pela floresta, e, guardado pelas arvores, meditou para recolher a sabedoria divina.

A' sombra do roble pluri-secular, na colina romana, um poeta se agasalhou, para inspiração e descanso.

O meigo Nazareno foi até as oliveiras sagradas para orar, e aos bosques de Academo os homens iam ensinar e escutar, tambem, as lições dos sabios.

Frei Leandro, o bom frade, para servir a Deus esqueceu-se de que era homem. E, confiante dos pindoramas, espalhou filhos — as arvores que plantou nas aléas, a caminho da Gavea.

Daphne du Maurier conta-nos da passagem, pelo Mundo, de um pintor que somente pintava, na sua vida, uma arvore, porque — aduzia — toda a perfeição se encontrava reunida no vegetal soberbo.

Na India dos Rajahs as mulheres iam desposar, de preferencia a um casamento sem amor e forçado, a arvore que dominava a faustosa paizagem.

E', pois, sobre os arvoredos, que os homens rendem as suas homenagens aos predestinados.

Eis, pois, um deles!

Rodolfo Amoedo:

Fazendo minhas as palavras de um pensador francez, direi que, se para derrubar um carvalho não é preciso mais do que um pulso e um quarto de hora, para substituil-o é necessario um seculo.

Cem anos, meu amigo! E não andais deles distantes!

O artista, jamais envelhece, bravejou Rui Barbosa na sua revolta contra a increpação de "velho".

Tambem a "busto-mania" ou a bustificação em vida jamais imortalizou despreparados e poderosos.

E aqui, a este ajuntamento, cabe a asserção do velho sonhador de liberalismo: "Feliz do povo onde a inteligencia habita na minoria e a mediocricidade no grande numero. Torrão onde o genio é barato e a estupidez vasqueira, as missangas são preferidas aos diamantes..."

As primeiras se vendem e se desfazem com o tempo, mas os ultimos se resguardam nos Museus, para deslumbramento dos seculos.

Manoel Santiago — Teresopolis

E os poetas são os garimpeiros sentimentaes que vão buscar, nas profundezas da alma, os motivos que, vivendo nas rimas, inspiram á Escultura e Pintura as afirmações da espiritualidade. Porque, emquanto a propria historia, no conceito de Stefan Zweig, não celebra senão o vencedor, os vencidos e necessitados da justiça espiritual e psichologica não têm outro defensor senão o poeta.

Não sois, porém, um vencido, porque, com busto ou sem busto, já passastes á Posteridade.

Competindo, um dia, com Henrique Bernardelli, ao premio de viagem á Europa, conquistastes com o "Sacrificio de Abel" a grande laurea.

O pastor biblico oferece á Divindade o Cordeiro, que representa tudo para elle, como prova do seu amor filial.

Aí revive o pintor o simbolo fiel do verdadeiro artista, o qual não se confunde com os intrusos que vêm na Arte não um fim, mas o meio de satisfação de interesses outros... Porque um logar de lanigero, e cortando na carne, o Abel da Palheta, se dá, inteiro, em holocausto, ao sonho da perfeição.

Construtor de paradoxos, é o pobre que trabalha riquezas para outros, torturando-se; mendigo, não lamenta a sorte de fazer ricos á sua custa.

No Velho-Mundo, um dia, quando frequentava o curso de Cabanel, sonhou com o Salão de Artistas Francezes.

1882. Gonçalves Dias — poeta dos maximos — inspirou, com a lenda de "Marabá", a tela com esse nome.

Amoêdo apresenta o quadro maravilhoso, mostrando a india quasi deitada no local onde pariu o filho proibido — porque representando a mistura de raças — e onde foi enterrado, vivo, pela avó — a aldeã que, assim, se vingava da grande afronta á lei dos florestais.

Abraçada á pedra ponteaguda, em mostra de mausoleu humano, Marabá cantava lamurienta:

Eu vivo sozinha: ninguem me procura!
Acaso feitura
Não sou de Tupá!
Jamais um guerreiro da minha arasoya
Me desprenderá;
Eu vivo sozinha, chorando, mesquinha!
Que sou Marabá!

Cabanel, membro do Juri e surpreso com o gesto do discipulo, pergunta ao brasileiro se ele é mesmo o autor do quadro, aceito, sem reservas, pelos julgadores.

Mas censurou-o nestas palavras: Não mande mais trabalho sem mostral-o ao professor, porquanto, se recusado, o insucesso se refletirá em seu mestre.

Ainda em Paris, em 1885, Amoedo nos brinda com o "Ultimo Tamoyo", o Aymbire que depois de defender a terra, do invasor, e feril-o, encontra morta a esposa de Iguassu' e com ela procura o tumulo no mar.

Tamoyo sou, Tamoyo morrer quero,
E livre morrerei, comigo morra
O ultimo Tamoyo! E nenhum fique
Para escravo do luso; a nenhum deles
Darei a gloria de tirar-me a vida.

Puvis de Chavannes, o mais espiritual decorador do seculo XIX, segundo Gonzaga Duque, e que nos legou as decorações do Panteon de Paris e chegou a desposar a loura Princeza Maria de Catacuzéne, tambem foi mestre do grande Amoêdo.

E, diante da "Narração de Philétas" Tapajós Gomes — na peregrinação continuada pelos ateliers — teve ele estas palavras para quem, pitagorico, em vida é o sêr que já provêm dos imortais: Oh! le joli paàsage!

Já no Brasil, em 1907, legou-nos o mestre o famoso quadro "Saudade", onde o artista procurou o seu modelo em Prospero — pobre e conhecido boemio — não tendo ido, com os outros pintores, buscar a mulher nu'a para simbolizar as dores do mundo.

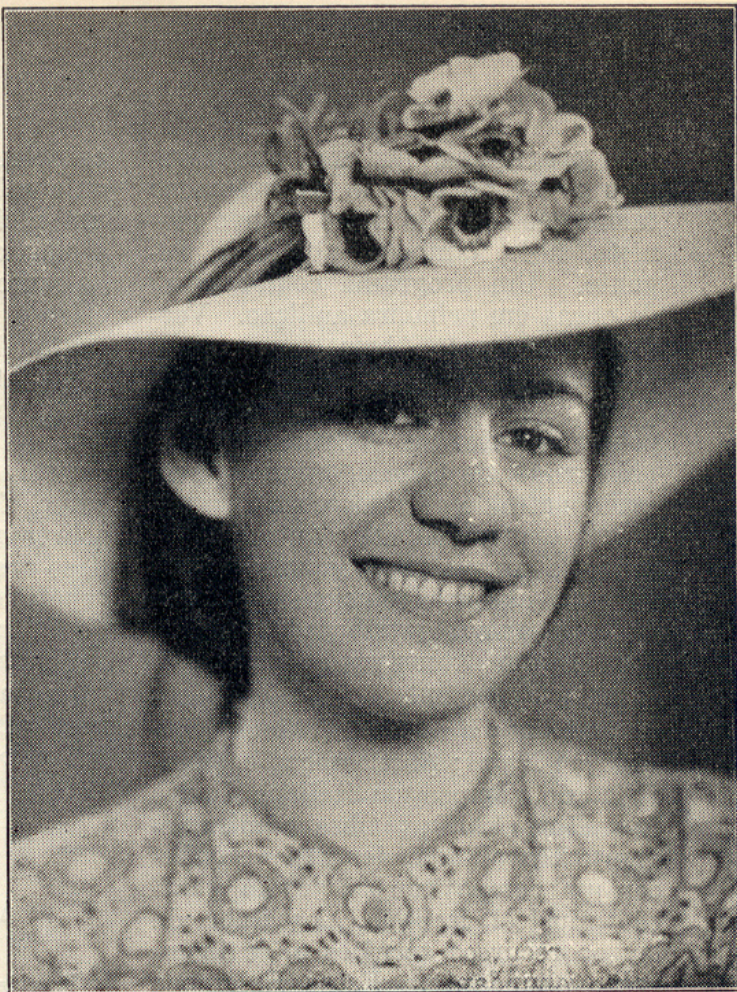
Aquele pinheiro abatido pelo raio, á margem das aguas paradas, mas espalhando luz, e o bardo que passa com a lira á mão direita, e o braço esquerdo caido, em posição de abandono, dizem da angustia que se mistura ao homem e á natureza.

Rodolfo Amoêdo, ficais, aqui, bem acompanhado, pois tendes, ao lado, um Santo, e, um Poeta, mais além. O ultimo é o grande Alberto, principe da poesia academica, emquanto o outro, é São Francisco de Assis, o bemaventurado que converteu o Sutão do Egito e conseguiu a reconciliação entre o Bispo e o Podestá da sua terra. Tambem a criatura que encantava as mulheres, pacificava os homens, atraia as crianças e conversava com os passaros. Mas a vida, que desune os homens, parece ter querido, na imortalidade, mantel-os desunidos.

Assim, Catulo da Paixão Cearense, o grande poeta, principe da poesia cabocla, está isolado, bem distante, mas de frente, na direção do semblante de Amoêdo. Entretanto, muito longe, Pedro Americo, Vitor Meireles, Rodolfo Bernardelli, Julia Lopes de Almeida, Olavo Bilac, Castro Alves e Gonçalves Dias se mostram unidos na consagração imortal.

Mas, se falassem, pediriam que levassem para perto os que ficaram nestas bandas.

Pintores que passais, olhai para os artistas maiores e que ficam.

Copiai na vida este espetaculo da immortalidade e lembrai-vos de Filétas, pregando a Beleza do Amor através do pincel do grande Amoêdo. Porque o artista verdadeiro rasga na propria carne e faz a sua tinta com a propria dôr. E' a propria humanidade!"

Concertos

ISOLDA SILLA BASSI
jovem pianista brasileira que apresentou-se em S. Paulo em 21 de Março.

SOUZA LIMA REGEU O PRIMEIRO CONCERTO ORQUESTRAL — DE 1941 —

Aquiescendo ao gentil convite do maestro Souza Lima — que nos distinguiu com honrosa visita, — estivemos no Municipal em 10 de Janeiro, onde assistimos o primeiro concerto orquestral de 1941, do Departamento de Cultura.

Ao contrario dos concertos orquestrais do Departamento de Cultura, que em geral causa-nos pouco interesse pela apresentação frequente de muita cousa banal e arcaica, este foi como que um grito contra o ramerrão, contra o môfo, contra o embolorecimento e atrofiamento do senso artístico bandeirante. Fáto que estava se dando pela inercia de elementos que a fatalidade postou a frente das realizações do dito Departamento. Consideramos altamente, por isso, o Concerto Souza Lima, na esperança que a Direção Artística (?) do Departamento, trilhe por melhor caminho, tomando-o como paradigma para futuras realizações. Não sabemos quem determina os programas dos concertos do Departamento mas, pelo que apresentou-nos a orquestra sob a direção de Souza Lima, em contraste com ou-

tros programas, faz crer que devemos o elevado critério do mesmo ao talento de escól do nosso grande pianista, hoje, tambem, abalizado regente. Um programa composto só de obras em primeira audição. Verdadeira beleza! Abriu o concerto a magistral Sinfonia em Do menor de Saint-Saens. Obra magnificente, impoluta e bela. A "Contemplação" (Noturno), de Gabriel Migliori, sem estílo definido, é uma obra elevada a cuja expressividade o autor procurou pela orquestração apurada, dar-lhe uma extensão musical apaixonada. Os aplausos tributados a essa obra, foram extensivos ao autor que se achava presente.

Estampas da Velha Roma (1937): Natal; As Carroças e Saltarello, do compositor italiano Renzo Rosselini (1908). Obra admiravelmente trabalhada, deu-nos a conhecer um compositor da jovem geração musical italiana, possuidor de largos recursos técnicos e de inspiração abundante. Estas Estampas recordou-nos o saudoso Respighi, à cuja técnica orquestral muito se aproxima a de Rosselini, seu ex-aluno.

Sob a atuação do maestro Souza Lima, notámos o progresso extraordinário na maneira de conduzir a orquestra. Alcançou em largo passo, uma capacidade dirigente que se caracteriza pela certeza de gestos, cujo minimo detalhe espelha-se por um efeito sonoro, pela flexibilidade e elasticidade orquestral. Em todas as execuções demonstrou de modo claro e absoluto, o conhecimento integral das partituras que regeu.

Quanto à orquestra, atuou com muita homogeneidade. Até os metais — geralmente desafinados — estiveram firmes e consoantes. Em suma, foi um concerto que agradou sobremaneira e que é um marco valioso deste inicio de ano. Esperamos, repetimos, que os concertos futuros do Departamento o tomem como paradigma primando pela mesma orientação artistica. Só então, poderemos afirmar que o Departamento trilha por bom caminho.

C. de O.

RESENHA MUSICAL não publicará notícias de concertos, audições ou de festivais artísticos, quando não receber dos promotores ou interessados, convite ou comunicado, dirigido dirétamente à Redação ou por intermédio de seus correspondentes.

ALTHEA ALIMONDA

Realizou-se em 19 de Fevereiro p. p., no Esplanada, o recital de violino da conhecida e apreciada concertista Althea Alimonda, promovido pela Pró Arte Brasil.

O recital, que reuniu selecta e numerosa assistencia, agradou integralmente pelo brilho com que se apresentou a eximia violinista.

Ao piano prestou seu concurso a sra. Lidia Haller.

ARNALDO ESTRELA NA PRÓ-ARTE

Em 11 de Março, S. Paulo teve a fortuna de ouvir por intermédio da Pró-Arte Brasil, o consagrado pianista brasileiro Arnaldo Estrela.

Logo de inicio evidenciou suas altas qualidades artisticas, executan-

do com exatidão e elevado senso artistico, o Preludio e Fuga em sol menor, de Bach-Szantó.

Sua técnica apurada, permite-lhe uma execução clara e delicada, colorida pelas mais sutís nuances e pela riqueza de interpretação. As três peças de Brahms, tiveram uma execução incomum, dada a absoluta seriedade da interpretação. A Sonata op-58, de Chopin, foi o momento culminante de seu concerto. A sua execução nesta grandiosa obra do mestre polaco, revestiu-se de uma delicadeza admiravelmente b e l a, concluindo-a com muito brilho e segurança.

Enfim, Arnaldo Estrela é um artista dos mais importantes da nova geração de interpretes nacionais.

C. de O.

HELENA DE MAGALHÃES CASTRO

Realizou-se em 20 de Março, no Teatro Municipal, às 21 horas, o anunciado recital de declamação de Helena Magalhães Castro

Comemorando o seu 300.° Concerto, a ilustre "diseuse" patrícia, repetiu o mesmo programa de seu 1.° recital realizado em 13 de Fevereiro de 1924.

O programa que foi magnificamente interpretado, teve em Helena de Magalhães Castro, uma intérprete notavel. Seria injustiça destacar as suas melhores interpretações, quando o excelente programa na íntegra, constituiu um todo de inexcedivel beleza, que a numerosa assistência, soube de modo convincente apreciar, tributando à brilhante recitalista, aplausos de verdadeiro entusiasmo.

C. de O.

ISOLDA SILLA BASSI

O Departamento Municipal de Cultura apresentou pela primeira vez ao público paulistano em 21 de Março, a jovem e brilhante pianista brasileira Isolda Silla Bassi.

A jovem artista que fez seus estudos musicais na Alemanha, demonstrou em sua eloquente execução uma sensibilidade artística de profunda percepção musical que atinge em certos momentos real virtuosismo. Acompanhada pela Orquestra do Departamento sob a regência do conhecido maestro Armando Bellardi, a pianista Isolda Bassi, revelou qualidades sólidas e superiores no ritmo e na sonoridade. A jovem solista foi calorosamente saudada pelo numeroso auditório, tendo sido obrigada a executar vários extras afim de atender aos contínuos e insistentes aplausos.

Executou com orquestra: Mozart, Variações para piano; Mendelssohn, Capricho Brilhante.

Agradecemos a ilustre artista, a gentileza dos convites.

C. de O.

Edições Musicais

Prof. Clovis de OLIVEIRA

El cruce de manos en la ejecución pianística - R. Barbacci. — Ed. G. Brandes — Lima (Perú), 1940.

A falta de um trabalho completo no gênero, deu oportunidade ao prof. Rodolfo Barbacci em elaborar uma esplendida monografia indispensavel na bibliotéca de todos os estudantes de piano, e, mesmo, de todos os professores desse instrumento.

O trabalho que obedece histórica e técnicamente a ordem cronológica, enriquecido por inúmeros exemplos musicais, veio preencher uma lacuna existente na pedagogia do piano.

Meu Solfejo — Frederico De Chiara — Ed. A Melodia — S. Paulo, 1940.

Mais um trabalho do prof. Frederico De Chiara que vem a lume: **Meu Solfejo,** dedicada às classes de canto orfeonico de nossas escolas. O fim principal deste método, é resolver o problema do ritmo desenvolvendo o senso ritmico das classes. Baseado no trabalho do prof. J. Julião, intitulado "Meu Caderno", o autor compôs inúmeras melodias de delicado gosto, à uma, duas e três vozes, com localização de figuras.

Adeus — F. De Chiara (para côro) — Ed. "A Melodia", - São Paulo, 1940 .

Híno escolar singelo e de efeito. Linha melódica bonita e bem disposta em relação à poesia.

Dois Preludios — H. Villa-Lobos (para violão) — Ed. "MUSICA VIVA" — Rio, - 1941.

H. Villa-Lobos, o grande compositor brasileiro, enriqueceu de modo brilhante a literatura do violão com a publicação dessas duas riquíssimas joias musicais: Preludios ns. 3 e 4. Considero estas duas peças como indispensáveis doravante nos programas dos solistas desse instrumento.

Bombo — Luiz Cosme (para canto e piano) — Ed. "MUSICA VIVA" — Rio.

"Bombo", peça bem nossa, bem brasileira na letra, de Athos Damasceno Ferreira, e na música, do jo-

vem e inspirado compositor patrício Luis Cosme. Esta peça é linda, verdadeiramente linda e recomendo a todos os que se dedicam à bela arte vocal como obra excelentemente nacional.

Cordão de Prata — Brasilio Itiberê. — Ed. MUSICA VIVA — Rio.

Inspirada no folclore nacional e lapidada magistralmente pelo ilustre compositor brasileiro Brasilio Itiberê, esta peça encanta pela felicidade da composição em que o sentimento nacional reflete-se naquele ritmo brejeiro dos versos: Cordão de prata é sucena, Mulata rôxa é morena. Como a anterior "Bombo", de L. Cosme, esta peça ilustrará com destaque qualquer programa de concerto.

Presto da XII Sonata — Pergolesi (para violino) em harmonização e transcrição livre (para piano) de Artur Pereira - Ed. I.M.L. — S. Paulo.

Não ha muito, o ilustre M.° Camargo Guarnieri, apresentou em concerto orquestral sob a sua regência, uma Sonata, de Scarlatti, orquestrada por Artur Pereira. Serviu a mesma de motivo para muitos comentarios porque em S. Paulo ou em todo o país, nenhum dos nossos compositores se arrojam no campo das transcrições, receiosos que a incompreensão venha a fazer delas "cavalo de batalha", como é dito na gíria popular. E o curioso é que dentre os nossos compositores, logo Artur Pereira, não obstante ser um grande orquestrador é um artista retraidíssimo, inimigo acérrimo do exhibicionismo, que saiu à campo com essa mutação.

Agora editado pela excelente organização musical de S. Paulo, Impressora Moderna Limitada ,surge este magnífico Presto, da Sonata XII para violino, de Pergolesi, em harmonização e transcrição livre para piano de Artur Pereira. Igualmente como o original, esta transcrição para piano logrará a divulgação que merece porquanto é fruto da pena de um dos compositores nacionais mais dedicados à sua arte.

Improviso e Estudo — H. J. Koellreuter — (para flauta, sem acompanhamento) — Ed. Artur Napoleão — Rio.

Peças contrastantes: a primeira tranquila e expressiva; a segunda em movimento rápido. Não ha, porem, contraste na beleza pois que ambas permitem ao executante certos efeitos técnicos admiráveis que dão-lhes exato refinamento artístico explicáveis, pela perfeição da fatura nacional.

Composto e impresso nas oficinas gráficas do LEGIONARIO — Rua Imaculada Conceição, 59 — Telefone 5-1536 — S. PAULO

A RESPEITO DAS "CINCO PEÇAS INFANTIS" DE CAMARGO GUARNIERI

SOUZA LIMA

A literatura pianistica brasileira, de uns tempos para cá, vem dando mostras de um viço que prenuncia, para muito breve, um repertorio capaz de constituir bagagem respeitavel para formação de nos-

sos futuros "virtuoses". Principalmente no genero referente ao ensino, ás primeiras letras, ao gráu primario emfim, a produção nacional está assumindo aspecto mais decisivo e intencional. Nossos compositores, ao que nos parece, apreensivos com uma notoria baixa no interesse demonstrado, dia a dia, pela nossa juventude, e não somente por ela, ás cousas da musica, esboçam como que um movimento reacionario em favor de uma instrução musical cujas bases assentem em repertorio moderno, mais sedutor e mais de acordo com o estado a que levaram a musica os compositores atuais. As "Cinco Peças Infantis" de Camargo Guarnieri, escritas em 1933 e só agora postas a publico pela Editora Ricordi, vem confirmar o que dissemos. Aliás, em Paris, André Caplet, com a suite "Un tas de petites choses", a 4 mãos, na qual a parte do aluno, escrita em dó maior, só para os cinco dedos (de dó a sól), acompanhada pela do professor, escrita em tons completamente extranhos, realiza combinações harmonicas extraordinarias, transportando o iniciante para mundos sonóros completamente novos, oferecendo-lhe, pois, material para formação de uma estetica mais "à la page". As crianças brasileiras, infelismente, no inicio de seus estudos pianisticos, são levadas, invariavelmente, a formarem seu desenvolvimento tecnico e artistico atravez de metodos e obras antiquados, de sabôr envelhecido, os quais por uma questão de interesses comerciais, pelo pequeno custo e pelo pouco trabalho que oferecem a professores ociosos, em sua transmissão, colocam-nas num ambiente musical de ha cem anos, contribuindo ainda para que, mais tarde, se tornem refratarias a toda e qualquer harmonia ou forma emancipada dos moldes escolares. Claro que não se enquadram nestas, obras geniais como as "23 peças faceis" de João Sebastião Bach, o "Album para a Juventude" de Schumann e tantas outras de autores celebres desnecessarias de mencionar. Voltando, pois, ás "Cinco Peças Infantis" de Camargo Guarnieri, coleção que vem colorir o panorama prometedor da produção brasileira no genero, queremos dar, ainda que rapidamente, nossa impressão sobre elas. Como dissemos acima, foi composta esta suite de pecinhas em 1933, em São Paulo, portanto antes da viagem do seu autor à Europa. Cada uma delas está encimada por um titulo sugestivo, que, bem ao alcance de futuro pianista, o coloca na justa atmosfera da composição facilitando, portanto, sua interpretação. A 1.ª — "Estudando Piano" — apresenta um verdadeiro achado ritmico na mão esquerda, alem do problema para o dedilhado, pois que emprega uma serie de notas tocadas com 2, 3, 4 e 5 dedos de seguida. Realmente estamos frente a uma sequencia de compassos de 2, 3, 4 e 5 tempos, porem apresentados dentro de um unico de 14. Esta forma põe o aluno deante de um aspecto aparentemente complicado, requerendo, do professor, rigorosa fiscalisação para que as series sejam executadas igualmente e não como se fora um compasso de 4 tempos constituido de duinas, tercinas, quartinas e quintinas. A melodia (mão direita) é de grande singelesa, um tanto vaga mesmo a não ser na parte central onde o desenho é mais definido e a curva melodica assume fisionomia mais caracteristica. Todo esse "Etudando Piano" se conserva na mesma tonalidade. No n.º 2 — "Criança Triste" — o autor, com sua fina sensibilidade nos oferece uma melodia terna, tristinha, com alguns contratempos levemente ofegantes como numa ancia para atingir uma alegria que não chega. A parte harmonica é tratada pela mão esquerda dentro de um mesmo desenho onde tres notas, sempre as mesmas, cream uma atmosfera de suave nostalgia. — Camargo Guarnieri em toda sua obra revela constantemente este traço forte do seu temperamento: o sentimento. A suite de que tratamos nestas linhas evidencia esse estado de alma em todos os seus numeros e até nos pequenos titulos.

O n.º 3 — "Valsa Manhosa" — (o adjetivo é empregado aquí com o melhor de seus significados, como sinonimo de tristonha, chorosa) tem por sua linha melodica, sentimental, nostalgica, as caracteristicas dos nossos saudosos "Chôros", tão evocadores de felizes momentos passados. Nesta admiravel miniatura musical o baixo e os acompanhamentos (ritmo de valsa) são realisados com um requinte de gosto só digno de um verdadeiro artista. Não obstante o ambiente romantico dessa pagina musical, bem nossa, não quiz o autor deixar terminar a frase principal sem a infalivel "coda" tão usual pelos serenateiros, e prestando-lhe um que de gracioso humorismo. Segue-se "Criança Adormecida", n.º 4, é o "Chef-d'oeuvre" da coleção. Pagina musical de real valor onde o autor demonstra sua elevada e exquisita musicalidade. Concepção realisada com elemento harmonico de colorido particular e de ritmo embalante, como sóe ser num acalanto. O canto paira sobre esse fundo

com maravilhosa naturalidade passando por veredas cromaticas, por vezes extranhas, e terminando por um movimento descendente — (salto de 7.ª maior) — cuja portunidade produz o mais emotivo efeito. O ultimo numero — "Polka" — é a festa final da suite. O ritmo do acompanhamento por sua insistencia, sua estrutura e por suas notas bizarras qual verdadeiras chacótas, dá-nos a impressão de um intencional efeito de percussão, estabelecendo o ritmo "saccadé" da polkinha antiga. A frase é graciosa, porém de um gracioso picante e espevitado, sendo enunciada duas vezes, a segunda com maior malicia, no começo e no final da peça. Entre essas duas vezes varía, subindo, em pequenos saltos e reviravolteando como criança peralta nos seus folguedos. Uma coleção de pecinhas de piano como esta, é destinada a uma posição de destaque no repertorio já florescente dos nossos incipientes musicistas. Precisam, indubitavelmente, nossos compositores voltarem suas vistas para esta questão de tanta importancia qual a de dotar a musica pianistica brasileira de material (estudos e peças) que, ao lado de obras estrangeiras de prestigio tradicional, sirva de alicerce para formação dos futuros artistas, os quais até presentemente, com exceções rarissimas, tem sua educação **integralmente** feita atravez de literatura de outros paizes.

Nota: — Nesta secção "Edições Musicais", são inseridos somente comentários sobre obras enviadas para a Bibliotéca de "Resenha Musical"

● ● ●

Como somos acolhidos

Dentre as inumeras cartas que frequentemente recebemos dos nossos prezados leitores, cumpre-nos hoje dar a publicidade uma delas, cujo missivista é figura de destacado valôr no ambiente artistico e intelectual brasileiro, sr. prof. Waldemar de Almeida, do Conservatorio Musical do Rio Grande do Norte, da Sociedade de Cultura Musical do Rio Grande do Norte e da revista **Som,** de Natal.

E' a seguinte:

Rio Grande do Norte — Natal — 5-1-41.

Meu caro Clovis de Oliveira.

Cumprimentos.

Recebo RESENHA MUSICAL desde o seu aparecimento. Cresce cada vez mais o meu interesse pelo seu trabalho, de gigante. Fundar uma revista musical entre nós não é trabalho do outro mundo; do outro mundo porém é o trabalho de mante-la. E' isto o que o prezado amigo vem cnseguindo não sem grande esforço — tenho certeza — mas com imenso entusiasmo. São Paulo fica-lhe devendo isto. O seu Estado não poderia continuar sem uma publicação especializada em musica. O que é de admirar é que conseguiu fazer bôa cousa, uma revista que se apresenta bem material e intelectualmente — realização digna de São Paulo.

Receba o meu parabem e o meu agradecimento, etc.

(a) Waldemar de Almeida.

Ao Genesio o
"Bando da Lua"
p.p. Oswaldo Eboli

Microfone

Genesio Pereira Filho

SILVINHA MELLO

Comentarios

Auditorios e estudios: Antigamente, pouca importancia davam as direções das difusoras às suas instalações. Auditorios acanhados e estudios insuficientemente instalados. Entretanto, o radio, hoje, é uma das maiores atrações nas cidades em que ha emissoras. É mesmo um concorrente sério do teatro e do cinema.

À noite o povo procura as emissoras, para assistir aos programas de estudio, passando aí até mesmo várias horas. E as instalações de todas as nossas transmissoras se ressentiam disso. Ultimamente levou-se a sério o problema. A "Tupí" e a "Cultura", desta capital, foram as primeiras a possuir bons auditorios. O da "Bandeirante" ainda é acanhado. Os estudios dessas três, porém, são muito bons. A "Difusora" possue ótima instalação, que se ressente, entretanto, da falta de auditório. Ultimamente, nestes poucos mêses, muitas emissoras resolveram sanar essas falhas. A "Recorde" e a "Cruzeiro do Sul" têm novas instalações. E a "Educadora" seguiu-lhes os passos.

No Rio, a "Tupí", a "Educadora" e a "Rádio Clube do Brasil" tambem se instalam em novas acomodações.

As outras estações radiofônicas que sigam o exemplo...

*** **Olga Praguer Coelho,** uma das nossas artistas mais completas, vem de regressar de uma longa excursão por vários continentes, onde, como

sempre, colheu para si e para sua Pátria os maiores louros.

*** **A música brasileira** continúa a ser divulgada nos EE. UU., onde parece ter entrado com o pé direito. Ainda agora pediu-se, por via telegráfica, licença para o lançamento na terra de Tio Sam das seguintes composições: "Cai, cai", de Roberto Martins; "O dengo que a nêga tem", de Dorival Caími; "Aurora", de Roberto Roberti e Mario Lago; "Helena, Helena!", de Antônio de Almeida e Constantino Silva (Secundino); "Cow-Boy do Amor", de Roberto Martins e Wilson Batista; e "Onde o céu é mais azul", de João de Barro e Alberto Ribeiro.

Parabens aos seus autores e compositores.

*** **Tambem os nossos artistas e conjuntos** continuam a cativar o povo norte-americano. Carmen Miranda abriu o caminho com o "Bando da Lúa" ("Miranda Boys", como dizem os americanos...); Alzirinha Camargo e Cândido Botelho seguiram-lhe as pégadas. Brilharam e ganharam "dóllares". Vem, agora, um novo pedido para que um outro conjunto regional siga para a terra do cinema. Integra-lo-iam: Pixinguinha, Donga, Luiz Americano, João Baiana e outros.

Muito bem. Vamos de bem a melhor. Resta que tenhamos muito cuidado na escolha dos embaixadores da nossa música junto ao povo americano. Até agora a nossa posição é ótima. Os nossos artistas e conjuntos têm feito jús aos maiores aplausos. Muito cuidado para que essa posição não venha abaixo com a ida de falsos valores.

*** **Bem que frizei** em minha última secção que a união dos compositores e autores é precisa para a própria defesa de seus interesses. Para que a divisão da classe em uma terceira sociedade, resultando ficarem três para a cobrança dos direitos autorais? Só mal poderia resultar desse gesto. Felizmente, parece que a idéia foi posta de lado. E deu-se um fato interessante: a SBAT e a ABCA uniram-se para que a cobrança dos direitos no carnaval deste ano fosse feita em acordo. Não é preciso dizer: só a noite de 31 de dezembro rendeu 25:000$000! Compositores houve (como o co-autor de "Helena, Helena!" que recebeu como direito autoral, pela execução de sua música nessa única noite, 1:200$000, quando, como frizou o cronista de rádio da "Folha da Noite" desta Capital ("Do Rio para Você", 17-I-1941) "há alguns anos atrás, havia compositores que fazendo sucessos semelhantes não logravam receber um conto de réis de direito de execução durante um ano!".

A VOZ DO BRASIL

●● O conhecido humorista Nhô Totico vem de perder sua esposa. "Resenha Musical" apresenta-lhe seus pêzames.

●● A SBAT vem de criar o seu Departamento Autônomo dos Compositores, que cuidará exclusivamente dos direitos autorais dos compositores e autores, sem relação com os autores teatrais.

●● No dia 20 de janeiro, às 19,30 horas, ouvi ao microfone da PRG-4, Rádio Clube de Jaboticabal, mais um programa do estupendo conjunto "Enamorados da Lúa", formado por Arlindo Brassi, Alcides Santos, Agenor Santos, Nelson Costa, Orlando Mazzini, Dario Miranda e Jeanette.

Todos os números foram magnificamente interpretados; Darío e Jeanette, na parte de canto, estiveram impecáveis. Têm firmeza, correção e sentimento. A parte instrumental esteve ótima.

No início, Arlindo apresentou um sólo, acompanhado por Alcides, com a valsa "Ao Luar".

É um conjunto, o dos "Enamorados da Lúa", que pode honrar uma emissora e orgulhar seus componentes.

AOS ESTUDIOSOS E AMANTES DA MUSICA

RESENHA MUSICAL facilitará aos seus assinantes, leitores e amigos, todas as informações que desejarem sôbre compra de livros, métodos, músicas, rádios, vitrolas, discos, instrumentos musicais e acessorios. Para esse fim, possue um Departamento de Informações, do qual fazem parte "virtuoses", professores, músicos e técnicos.

Procure conhecer o serviço rápido e completo do nosso Departamento de Informações.

Gratos pela homenagem que foi prestada ao cronista desta secção.

●● Mais um milionario do rádio. Luperce Miranda vem de herdar quasi setenta mil contos de réis! Que sorte!

●● **Rosina Da Rímini** realizou, quando da sua visita a Jaboticabal, um programa na PRG-4, que dou notícia em reportagem à parte e visitou ainda os estúdios da "Emprêsa Recorde de Propaganda", no dia 11 de janeiro, às 19,30 horas.

Após a entrada de Rosina, grande massa de curiosos tomou completamente não só as repartições da emissora da Rua Rui Barbosa como tambem as imediações. A visitante foi recebida pelo sr. Augusto Biancardi e sra. e pelo jovem Belmiro Assunção.

Rosina esteve acompanhada pelas pessoas seguintes, nessa visita: o redator desta secção, promotor de sua ida a Jaboticabal; Prof. Francisco B. Marino, presidente da "Sociedade Cultural Jaboticabalense"; Aref Safadi, vice-presidente da "Sociedade Cultural Jaboticabalense"; João Garreta Sobrinho, tesoureiro da citada Sociedade; Srta. Ofélia Minari, irmã de Rosina; professora D. Lídia Piro, acompanhante ao piano da visitante; sr. Mário Minari, progenitor da artista; sr. Luiz Chamon, orador da "Cultural"; Srtas. Lúcia Dória e Ligia Pimentel; e outras pessoas gradas, cujos nomes não pude anotar no momento.

O sr. Belmiro Assunção fez, ao microfone, uma saudação à visitante, que respondeu com as seguintes palavras: "Visitando o estúdio da Empreza Record de Publicidade", tenho a satisfação de me dirigir ao culto povo da "Cidade das Rosas", em cujo meio, desde hontem, tenho a alegria de estar.

Apresentar-me-ei ao povo desta cidade sexta-feira próxima, depois de amanhã, às 21 horas, no Cine Politeama.

Como filha que sou de uma filha de Jaboticabal, sinto-me alegre ao pagar uma visita que ha muito desejei fazer.

Espero que o povo desta cidade me honre com sua presença, na próxima sexta-feira, no Politeama. Sentir-me-ei desvanecida."

Salvas de palmas coroaram as duas saudações. A seguir foi servido um refresco aos visitantes.

RECEBI

Recebi, agradeço e retribuo os votos de bôas-festas e feliz ano novo que me enviou a Rádio Clube de Jaboticabal, estação PRG-4.

"MICROFONE" SOCIAL

A 23 de fevereiro aniversariou Silvinha Melo, a conhecida e delicada intérprete do folclore brasileiro, que tambem vem distinguindo-se sobremodo como artista de cinema. Ao "bibelot" do rádio nacional, os cumprimentos de "Resenha Musical", com votos de muitas felicidades e contínuo êxito em sua já brilhante carreira.

(Convites, consultas ou qualquer comunicação para esta secção, em nome do cronista, devem ser dirigidos a RESENHA MUSICAL, Rua Conselheiro Crispiniano, 79, 8.° and.)

AOS ASSINANTES

— Aviso —

Lembramos os srs. assinantes cujas assinaturas vencem com o presente número, o obsequio de enviarem por cheque ou vale postal, a importancia de 20$000, correspondente a uma assinatura anual, evitando assim a interrupção da reméssa desta Revista.

"RESENHA MUSICAL" RECEBEU

"Intercambio" — ano V - ns. 10 a 12 — Rio de Janeiro;

"Nova Lourdes Brasileira" — boletim dirigido pelos Padres da Divina Providência, Saco de S. Francisco - ano IV, n.° 46 - Fevereiro - 1941 Niterói.

"Revista Musical Peruana" — Diretor Prof Rodolfo Barbacci; ano III, n° 25 - Janeiro de 1941 — Lima - Perú;

"Revista Musical Peruana", ano 2, n.° 24, Dezembro de 1940, Lima, Perú;

"Serviço Social" - ano III, ns. 25 e 26, Jan.-Fev., 1941 — S. Paulo;

"Serviço Social" - ano II, n.° 24 - Dezembro, 1940 — S. Paulo ;

"Vóz Missionária" — ano XII - Jan.-Fev.-Março, 1941 — S. Paulo;

"O Combate" — jornal - Jaboticabal;

"A.P.I." — boletim da Associação Paulista de Imprensa - ano III, n.° 1, Janeiro de 1941 — S. Paulo;

"Boletim n.° 20" — da Sociedade Filarmonica de S. Paulo - Janeiro de 1941 — S. Paulo.

"Música Viva" — órgão do Grupo MUSICA VIVA - ano I, n.° 7-8 - Jan.-Fev., de 1941 — Rio de Janeiro, dedicado ao grande compositor brasileiro Heitor Vila-Lobos, traz como Suplemento os Prelúdios ns. 3 e 4, para violão.

Confissões de um piano

Guerra **JUNQUEIRO**

É a feira-da-ladra o bric-à-brac da miséria. É a ante-sala do esgoto. Um pouco para adiante ha o estrume; um pouco para traz, a indigência. Cifrase nisto — o farrapo util. Tudo que tem só o valor indispensavel para ter algum, está na feira-da-ladra.

Uma vez encontrei lá, para vender, um dos meus inimigos mais rancorosos — um piano.

Era um velho piano desmantelado, derreado, caquético. Só tinha um pé; seguravam-no com barrotes, como as casas a desmoronar-se. O seu teclado de marfim, a que faltava a maior parte das teclas, estava entre-aberto, e parecia rir, como o riso sinistro duma caveira desdentada.

Confesso que tive uma paixão extraordinária, vendo aquele diabo de piano, côxo, trôpego, desfeito, à espera que um marceneiro qualquer o levasse para o transformar num lavatório.

Cheguei ao pé dele e toquei-lhe numa das poucas teclas cariadas, que ainda lhe restavam. Soltou um grito rouco e doloroso, como um doente a quem expremessem um tumor.

— Doe-te? perguntei-lhe.

— "Não imaginas! disse o pobre diabo. São dores infernais!" e começou a tossir, a tossir, uma tosse cava, ferrugenta, despedaçadora.

— Coitado! murmurei. Tenho pena de ti, velha carcassa musical, e esta pena é tanto mais sincera e verdadeira, quanto é certo que eu dedico a minha melhor cólera e o meu melhor ódio a todos os patifes da tua raça miseravel. Eu admiro a música das esferas até a gaita de foles. Mas o piano! oh, o piano começa por não ser um instrumento; é um movel. É uma espécie de comoda para guardar músicas. Não foi inventado por Orfeu, foi descoberto por um carpinteiro. Diferencia-se apenas duma secretária, em não servir para se escrever. O piano é a harpa eólia dos novos ricos.

Eu creio que o piano, como um grande número de descobertas modernas, tem uma origem muito mais antiga do que se julga. Suponho que deve datar do tempo dos Faraós, e que foi a oitava praga, como a dos gafanhotos, que chegou ainda até ao nosso tempo.

E, coisa singular! como o destino dos pianos se parece com o destino do povo de Israel: Tanto os pianos como os judeus andam espalhados por toda a superfície do globo, errantes, sem patria, cosmopolitas. Nem sei mesmo quais são em maior número, se os pianos, se os filhos de Abrahão. Seja como fôr, o que é verdade é que o piano é uma descoberta de que ainda se não tirou todo o partido, e creio mesmo ha de ser ainda um objeto de utilidade incontestavel, logo que esteja resolvido o problema da sua aplicação à tipografia.

"O piano chegará à sua grande perfeição, e tornar-se-á até um instrumento agradavel quando, mexendo-lhe numa tecla, em vez de sair um "do" sair simplesmente um X ou F, ou qualquer outra letra do alfabeto, desde o A até o Z".

E, enquanto ou dizia isto, o pobre esqueleto de guilhotina com teclas gemia ainda um soluço moribundo, que o agitava, compassiva e melacolicamente.

E eu continuei:

— Não te aflijas, que isto não é contigo, meu pobre inválido. Já não tens voz: és como as serpentes a quem extraem o veneno. És a cascavel inofensiva. — Olha, sabes que mais? Faça um esforço, e conta-me em voz baixa, à puridade, a história das tuas aventuras, que, no fim de contas, devem ser realmente curiosas. Quando estiveres cansado, pára um momento para tomar a respiração. Não tenho pressa. Anda, meu velho, conta-me a tua vida, que a tua morte dolorosa, essa hei de contá-la eu, para que sirva de exemplo ameaçador a dois jovens pianos desordeiros que eu tenho na minha vizinhança.

O sonoro unipede, com uma voz de melodrama ventríloquo, começou então a narrar-me a seguinte história:

— "Nasci ha quarenta anos: antes de nascer, eu era madeira num plátano, marfim num elefante e metais no seio das montanhas. Devo dizer-te que em toda a minha existência desafinada, a única música harmoniosa que ouvi, e de que guardo saudades, foi a que cantaram os passaros quando eu era plátano, sobre os meus ramos verdejantes.

"Fui feito por um marceneiro, e depois, envernizado, exposto à venda entre duzentos companheiros, num armazem luxuosíssimo. Estavamos ali, como os escravos num bazar, à espera de comprador. Os visitantes entravam, abriam-nos, batiamnos no peito, para nos auscultar, e depois de convencionado o preço, lá ia um de nós levado por quatro mariolas para a casa do outro, que nos tinha adquirido".

Nisto o velho piano ficou um momento silencioso, exausto de forças. Começou a tossir, a tossir, e deitou um escarro vermelho que parecia sangue; era ferrugem.

Passado um momento de repouso continuou:

"Eu fui dos últimos a sair da loja. Estive lá quatro anos; ninguém me comprava. Devo essa felicidade excepcional a eu ter sido sempre de compleição delicada. Mesmo em rapaz fui sempre debil, de saúde melindrosa, e com disposições hereditárias para as doenças pulmonares.

"Nasci com tubérculos; foram-me transmitidos em três ou quatro cordas, que me puzeram, e que já tinha pertencido a um piano, que lançava sangue pela bôca e morrera duma tísica de laringe.

Eu tinha, pois, desde pequeno, o germen da doença, que mais tarde me havia de reduzir a este estado lamentoso. Quando, por acaso, um comprador me abria a bôca para me examinar, terminava sempre dizendo melacolicamente, e em voz baixa para que eu não me afligisse: — Coitado! está pronto! — E afastava-se de mim, lançando-me um olhar de misericordiosa simpatia.

A minha saúde era tão fragil, que qualquer arzinho me constipava. O menor esforço de voz punha-me rouco durante quinze dias. Uma vez, inda estava na loja, apanhei uma bronquite, de que ia morrendo, como a jovem Lilia abandonada. Estive meio ano no hospital, tendo sempre um afinador à cabeceira.

"Um dia entrou na loja um freguês com sete filhas tão feias e tão magras, que eu creio que foram elas mesmas as que apareceram em sonhos a José do Egipto para lhe anunciar os sete anos de esterilidade. Quando as vi entrar, tive um presentimento diabólico, e deu-me o peito uma pancada tão forte que me estalou um bordão. Foi a minha desgraça. O freguês aproximou-se, e interrogou o dono da loja a meu respeito. Este disse-lhe ser eu um piano um pouco doente, é verdade, mas, em compensação, muito barato, e que com o exercício, que era o que me faltava, me havia de tornar ainda um "piano forte" e vigoroso.

"Comprou-me, e logo nessa mesma noite, fui instalado na sua sala de visitas.

"Começa aqui a minha via-dolorosa. Durante quinze anos as sete meninas bateram-me em cima dos pulmões com quarenta ou noventa toneladas de valsas; gritei polkas, gaguejei maxixes, e proguejei tangos. As sete meninas, à razão de seis namoros por ano cada uma, isto termo médio, tiveram em quinze anos seiscentos e trinta namoros. Ora cada namoro obrigou-me a andar pelo menos cincoenta quilómetros de valsas, contradanças e quadrilhas, etc., o que deu em resultado no período de quinze anos, chouteei perto de quarenta mil quilómetros de música, e isto por caminhos escabrosos, intransitáveis, cheios de calhaus em redondilha menor!

"Oh! como são felizes os pianos de agora, que já não acompanham os versos dos poetas, como as escoltas acompanham os presos. As odes dos menestreis recentes, além de serem sublimes, são refratárias à harmonia.

"Eu queria que vocês, ó pianos modernos, tivessem vivido como eu nos ominosos tempos do obscurantismo, sob o regimen intolerante dos recitativos!

"Por mim, meu amigo, eu já não dava senão gritos dilacerantes como os duma vítima indefensa, espancada cruelmente. Mas não percebiam que eram as dores que me faziam gritar, porque me julgavam incapaz, pela minha natureza, de as poder sentir. Quando eu soltava um grito dilacerante, como um homem a quem estavam cortando uma perna, limitavam-se a dizer: — Está hoje muito desafinado!

"Por fim, sentindo que não podia fazer compreender áquela gente que os gritos eram gritos de raiva e de tortura, decidi-me então envez de gritar, a apitar — pela polícia.

Quando eu sentia na rua, à meia-noite, os guardas rondantes, punha-me a apitar uma valsa durante meia hora, a vêr se me acudiam. E a patrulha, envez de correr a livrar-me dos dedos homicidas, parava em contemplação defronte da janela, embevecida nas harmonias daquela valsa, que parecia assoviada com a chave dum trinco. Vendo que não alcançava nada, gritando ou apitando, comecei então a ladrar, a guinchar, a dar arrôtos, a grunhir, a produzir os sons mais irritantes, mais insuportáveis, desde a chiadeira desengonçada duma carroça carregada de ferro, até o ranger duma unha cumprida na cal da parede.

"Nem assim. As meninas continuavam a flagelar-me com "A luz de Londres, a Saudade, O martirio, O pirata, O noivado do sepulcro", enfim, com tudo quanto constituia o regime sentimental dos pianos elegantes. Às vezes, a meio dum acompanhamento, pegava-me, embirrava, e por mais que me batessem não dava um compasso para diante. Um belo dia, furioso, tomei uma resolução

heroica — emudecer. Batiam-me e eu calado! Zangavam-se, esmurravam-me, desancavam-me, e eu nem palavra — moita!

"Resolveram vender-me. Fui anunciado nas gazetas, como um belo piano "para estudo". Comprou-me um belchior por "pataca e meia".

"Eu estava inteiramente, completamente arrazado. Tinha os pulmões cheios de cavernas, roidos de ferrugem. O adeleiro, no entanto, tais remédios me deu, tais cousas me fez, que com grande admiração minha, uma bela manhã acordei a tossir o "Barba Azul".

"Fui então novamente vendido, para uma menina de oito anos aprender no meu cadaver o alfabeto musical. Eu já não era um instrumento, era um abecedário, uma lousa para fazer riscos. Nunca tive orgulho, mas, francamente, senti-me vexado, degradado. Depois eu estava doentíssimo, no terceiro gráu da tuberculose. Um dia, que felicidade! pegaram em mim, e aponsentaram-me com a terça parte das teclas no vão duma escada. Ali gozei meio ano de descanso, numa escuridão profunda e silenciosa, apenas perturbada de quando em quando pelo barulho dos ratos, que tinham feito dentro de mim uma colonia.

"Mas, ai! ao cabo de seis meses chegou um ferro velho, que me conduziu para uma baiuca miseravel, e me poz nas costas um letreiro que dizia: preço, 200$.

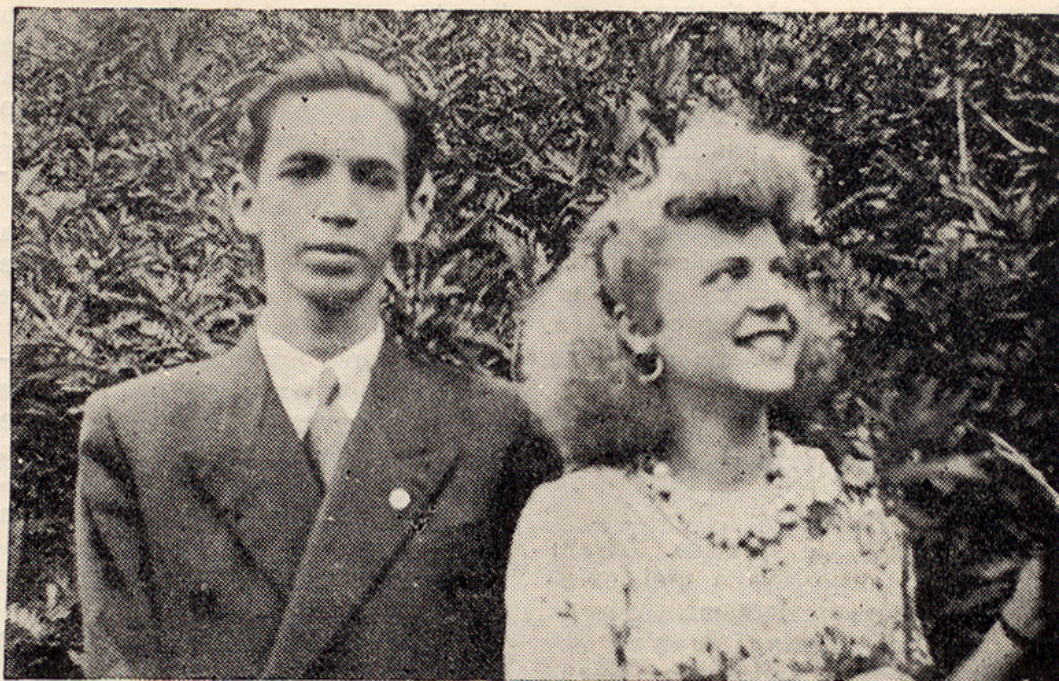
"Alí estive muito tempo, sem ninguem ousar tocar-me, protegido, defendido por aqueles bravos 200$. Bom, dizia eu, viverei em paz o resto dos meus dias, neste silencio concentrado, tão util na diplomacia e tão agradavel aos pianos.

"Mas nisto apareceu um empresario duma barraca de feira, que me alugou por dois meses, a 15$ por mês.

"Durante sessenta dias e sessenta noites, com tosse com asma, deitando sangue pela bôca, pelos ouvidos, pelo nariz, eu estive expectorando, grunhindo, gemendo, titubeando uma série infinita de contradansas, hinos, polkas, marchas guerreiras, tudo isto perplexo, desarticulado, com arrôtos, assobios, hemoptises, e sobretudo grandes ancias, grandes faltas de ar, de quando em quando.

"Ao voltar para o ferro-velho tinha entregado a alma ao Criador. Foi então que me trouxeram aqui onde estou ha três anos. Se és meu amigo, se tens compaixão de minha sorte, vai-te embora, e manda-me uma garrafa de óleo de fígado. Agora, meu amigo, deixa dizer-te, eu tive uma alma sonhadora, uma aspiração íntima, um ideal recondito, que durante a minha longa existência ninguém compreendeu, nem soube fazer vibrar. Eu fui um pouco como os homens, que nascendo poetas, se fizeram guarda-livros. Morro sem ter visto desabrochar em pétalas harmoniosas o ideal desconhecido que eu sentia palpitar misteriosamente, como uma ave, dentro do coração"...

(Conclui no próximo número)

A apresentação de Rosina da Rimini em Jaboticabal

Rosina Da Rímini em companhia do nosso redator Genésio Pereira Filho

Reportagem de
Genesio Pereira Filho

•

Já no número de 9 de janeiro, do "O Combate" daquela cidade, no artigo "Apresentando Rosina a Jaboticabal", disse quasi tudo que tinha a frizar sobre essa pequena-encantamento, em quem a gente vislumbra, para um futuro próximo, uma das maiores glórias como soprano ligeiro.

Rosina Da Rímini tem tudo o que se exige para um êxito dos maiores que se possa antever: talento, beleza, graça, simplicidade. Esses dons dão-lhe uma personalidade tão própria, tão especial, que um respeito e uma admiração imensos brotam em nosso sêr. Rosina fica aos nossos olhos como uma artistazinha de que emanam eflúvios de divindidade. Não se sabe o que admirar nela: se a mulher ou se a artista. Já se tem escrito que o carater de Mozart estava nisso: "No famoso compositor, juntavam-se o artista e o homem cheio de

sensibilidade, ambos animados de um espírito sem afetações nem eufemismos" (1). Rosina, que tão bem interpretou Mozart num trecho da "Il Flauto Mágico", no Politeama de Jaboticabal, como bis, tambem pode ser do mesmo modo definida. Nela, a mulher é grandemente humana, imensamente sensivel. É singela, delicada, sincera. A artista revela-se dentro das mesmas qualidades, numa pujança pletórica.

É sobre o recital dessa menina-artista, realizado em 10 de janeiro na cidade de Jaboticabal, às 21,30 horas, onde eu me achava em férias, que eu desejo falar. Sobre ela, a amiga delicada e cordial, a mulher bondosa e imensamente humana, já bastante tenho falado. Se algo mais entremeiar aos comentários sobre sua apresentação a Jaboticabal, é porque o entusiasmo me arrasta, é porque a pena corre expontanea e o cérebro comanda enternecido.

Inicialmente, é preciso frizar: quanto mais ouço Rosina, mais entusiasta e mais convicto me torno de sua vitória. Rosina se vai firmando cada vês mais, numa ascenção brilhante. Cada vês em que a ouço, parece-me ser a primeira. Porque sua voz prende, arrebata, entusiasma.

E essa foi a impressão que tive no Politeama. Sua estadia no sul do nosso continente serviu para aumentar a vontade de ouví-la novamente.

Iniciando seu programa, interpretou "Il Baccio", de Arditi, com tanta felicidade, tanta correção, que após esse número já tinha dominado a assistencia que tomava completamente a maior casa de diversões da "cidade das rosas".

Veio depois a canção brasileira de Paurilio Barroso, "Para Minar", que encontra em Rosina uma exegeta completa; Rosina sabe integrar-se tão perfeitamente na alma do autor, que a gente não enxerga no palco uma concertista, senão uma menina que de fato estivesse acarinhando nos braços uma boneca ou a mãe que ninasse o filhinho para adormecer.

"Vozes da Primavera" encerrou a primeira parte. Este número de Straus, sabia-o eu magnificamente interpretado por Rosina. Por isso mesmo, como organizador desse recital pedi-lhe por carta que puzesse no seu programa. Essa peça, que vem servindo, como já afirmou um crítico, para a consagração de muitos e muitos artistas, arrebatou a assistencia do Politeama. Rosina interpretou-o com a mesma textura e na mesma tonalidade com que o canta Erna Sack, a famosa soprano teuta.

Foi ao ser iniciada a segunda parte que o dr. Antonio Arrobas Martins, de sua friza, num eloquente improviso, levantou-se para saudar a visitante, em nome da cidade. Disse da honra de Jaboticabal em receber em seu meio a menina-cantora mais jovem da América. Em imagens felizes, teceu inteligentes comentarios coroados por uma salva vibrante de palmas. Agradecendo, numa emocionada oração, usou da palavra o presidente da "Sociedade Cultural Jaboticabalense", prof. Francisco B. Marino. Sua oração, terminada com um aperto de mão à visitante, foi grandemente aplaudida.

"Valsa da Musetta" (de "La Bo-

héme"), de Puccini, iniciou a segunda parte. Como número seguinte, foi apresentada "Una Voce Poco Fa", do "Barbeiro de Sevilha", de Rossini. Este número, magnificamente interpretado, foi muito aplaudido. Finalmente, em "Traviata", no trecho "Sempre Líbera", Rosina empolgou. Sua irmã Ofélia Minari fez a parte de tenor com grande felicidade. Tal foi o entusiasmo da assistencia, que Rosina, como bis, cantou "Il Flauto Magico", de Mozart. Este autor, que encontrou em José Iturbi o maior interprete ao piano, tinha na sua melodia "o misterio mais belo na técnica da arte mozartina" (2). Este número, na interpretação de Rosina, esteve estupendo.

Os números a cargo da orquestra local, formada pelos srs. Manoel Martinez, Bruno Lunardi e Luiz Tancredi, ao violino; sr. Emilio Moreti, com clarineta; sr. Francisco Martinez, ao contra-baixo; e completada pela prof.ª d. Lidia Piro, ao piano, estiveram ótimos e foram grandemente aplaudidos. A interpretação atingiu seu auge no "Mercado Persa", de Ketelbey, a que o público freneticamente aplaudiu. Os outros números foram: "Minueto Célebre", de Boccherine (em substituição à "Gavota", de Braga, conforme estava no programa) e "Serenata", de Schubert.

O acompanhamento de Rosina, ao piano, esteve a cargo da conhecida prof.ª d. Lidia Piro, mestra de música do Ginásio XI de Agosto, desta capital.

Sábado, na PRG-4, emissora de Jaboticabal, às 19 horas, Rosina apresentou-se ao microfone, interpretando dois números. Os estudios da emissora jaboticabalense estavam repletos de curiosos.

Rosina, acompanhada ao piano por d. Lidia Piro, apresentou "Io son Titania" da "Mignon", de Tomaz, recebendo muitos aplausos.

D. Lidia Piro executou a "Norueguêsa", de Grieg, em sólo de piano, cuja interpretação mereceu grande salva de palmas.

Encerrando sua apresentação à cidade das rosas", Rosina cantou "Caro Nome", do "Rigoleto" de Verdi. Tão extraordinário foi este número, que aplausos vibrantes coroaram-no e a propria prof.ª d. Lidia abraçou a cantora, que tambem foi cumprimentada pelos presentes. O prof. Marino, ao microfone, dirigiu palavras de agradecimento a todos os que colaboraram para que a visita de Rosina colimasse os fins brilhantes a que atingiu.

Esse recital de Rosina Da Rimini, o primeiro realizado após seu regresso da Argentina, serviu para patentear, ainda uma vês, que o Brasil pode confiar na sua menina-cantora.

1 — "Correio Paulistano", artigo "A Correspondencia da Familia Mozart"; 2, idem.

VARIAS...

MAESTRO ERICH KLEIBER NO PERÚ

Contratado pela Orquestra Sinfônica Nacional de Lima, Perú, encontra-se naquela importante Capital, o notavel regente ERICH KLEIBER, que realiza com grande êxito, o Ciclo Extraordinário Beethoven, formado pela execução de todas as Sinfonias do Mestre de Bon.

COCKTAIL OFERECIDO À IMPRENSA PAULISTANA

Oferecido pelos artistas Edith Helou e Maja Kassel e pela dupla Juca e Chico, recebemos convite para o Cocktail à Imprensa paulistana, que realizou-se em 12 de Fevereiro, p.p., na Rádio Cruzeiro do Sul, PRB-6.

LUIZ HEITOR CORRÊA DE AZEVEDO

Acompanhado de sua exma. família, passou por esta Capital, de regresso de sua viagem ao Paraná, o ilustre professor Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, DD. Catedrático de Folclore da Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, do Rio de Janeiro.

RESENHA MUSICAL teve a honra de receber a sua visita em sua redação, onde esteve acompanhado pelo emérito compositor e regente Camargo Guarnieri. Em outro lugar, deste número, transcrevemos o termo de visita do ilustre professor.

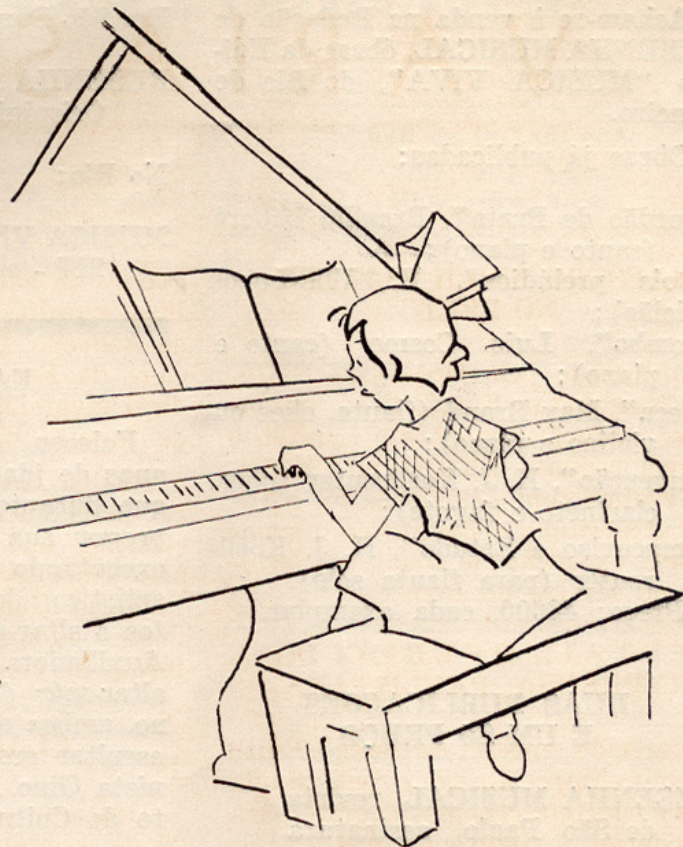
CLAUDIO ARRAU

Despediu-se de Lima, Perú, em 20 de dezembro p.p., o grande pianista chileno Claudio Arrau.

MAESTRO FRANCISCO CASABONA

Acaba de ser condecorado, por S. M. Victor Manuel III com a Comenda da Corôa da Italia, o ilustre maestro brasileiro Francisco Casabona, atual diretor do Conservatório Dramático e Musical de S. Paulo.

ESCOLA "ROSITA RIOS"

Em Lima, Perú, onde funciona, dirigida pela eximia bailarina Rosita Rios, a Escola que tem o seu nome fez realizar no Teatro Municipal daquela Capital, em 15 de dezembro,

uma grandiosa festa de arte em que tomaram parte inúmeras alunas de seu curso de baile.

REELEITA A DIRETORIA DA PRÓ ARTE BRASIL

Realizou-se em 10 de Fevereiro p.p. a Assembéia Geral da Pró Arte Brasil, sendo reeleita a Diretoria cujo mandado expirava:

Presidente, prof. dr. Max Fleiuss; Diretora, D. Maria Amelia de Rezende Martins ;Tesoureiro, dr. Mario de Almeida Rego e Secretário, dr. Salvador Pinto Junior

YOLE DOS SANTOS RODRIGUES

Regressou a Lavras, a provecta professora Yole dos Santos Rodrigues, do corpo docente do Colégio Kemper.

"A CRIAÇÃO" DE HAYDN

Dentre as próximas apresentações que serão levadas a efeito nesta Capital, pela Sociedade Filarmonica destacamos o oratório "A Criação", de Haydn, em versão portuguesa.

EDIÇÕES "MUSICA VIVA"

Acham-se à venda na Redação de RESENHA MUSICAL, óbras da Edição "MUSICA VIVA", do Rio de Janeiro.

Obras já publicadas:

"Cordão de Prata", Brasilio Itiberê (canto e piano);
"Dois prelúdios", H. Vila-Lobos (violão);
"Bombo", Luiz Cosme (canto e piano);
"Peça", Max Brand (flauta, oboe ou violino e piano);
"Invenção", H. J. Koellreuter (oboe, clarinete e fagote);
"Improviso e Estudo", H. J. Koellreuter (para flauta solo).

Preço: 4$000, cada exemplar.

Pedidos para:

Em São Paulo:

RESENHA MUSICAL, Rua Cons. Crispiniano, 79 - 8.º andar.

No Rio:

MUSICA VIVA, Rua Djalma Ulrich, 217 - ou Caixa Postal: 3846.

DUAS PUBLICAÇÕES E UM SÓ PREÇO

RESENHA MUSICAL, revista de São Paulo, assinatura anual .... 20$
MUSICA VIVA, boletim do Rio de Janeiro .... 24$
Assinatura em conjunto ..... 36$

Ambas com Suplemento Musical

Anunciar em
"Resenha Musical" (S. Paulo)
ou em
"Musica Viva" (Rio)
é estender sua ação artística ou comercial nas duas maiores capitais do país.

FALECIMENTO

Faleceu nesta capital, aos 56 anos de idade, o sr. Mario Alfonsi, que durante mais de 30 anos, empregou sua atividade em marmores executando trabalhos de fino labor artistico, destacando-se entre muitos o altar-mór da Matriz de N. S. Auxiliadora do Bom Retiro e o altar-mór do Colégio Arquidiocesano, ambos em S. Paulo. O saudoso escultor era pai do aplaudido violinista Gino Alfonsi, do Departamento de Cultura de S. Paulo.

AOS CONCERTISTAS

RESENHA MUSICAL avisa a todos os concertistas em geral (pianistas, violinistas, violoncelistas, etc.), que o seu Departamento Social se prontifica a preparar seus concertos em São Paulo.

Uma vez entregue ao Departamento Social de RESENHA MUSICAL, a organização dos concertos, os srs. artistas poderão livrar-se desse exhaustivo trabalho, evitando desperdicio de tempo e de energias.

Peça-nos informações a respeito.

Indicador Profissional

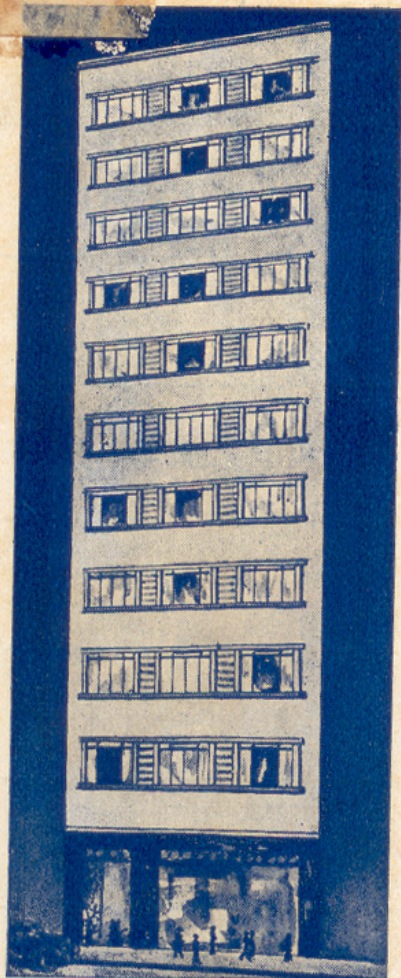
Augusto Perth
Técnico afinador de pianos
a Mato Grosso, 412 — Fone 5-3710

Prof. Clovis de Oliveira
PIANO
Rua Dona Eliza, 50 — Fone 5-5971

Hans-Joachim Koellreuter
Rua Djalma Ulrich N.º 217
RIO DE JANEIRO

Profra. Ondina F. Bonora Oliveira
PIANO
Rua Dona Eliza, 50 — Fone 5-5971

Prof. Samuel Archanjo dos Santos
Piano — Harmonia — Teoria
Alameda Barão de Piracicaba, 830

Anuncio neste Indicador
a) POR VEZ 5$000
b) Minimo duas vezes

P e r m u t a

Desejamos estabelecer permuta com as revistas similares.
Ni deziras starigi intershanghon kun similaj revuoj.
Deseamos estabelecer el cambio con las revistas similares.
Desideriamo scambiare la nostra rivista con le sue congeneri.
Nous désirons établir l'échange avec les revues similaires.
We wisn to establish exchange with similar reviews.
Austausch mit aehnlichen Berufszeitschriften erbeten.
Berufszeitschriften eizurichter

Resenha Musical
R. Conselheiro Crispiniano, 79
— 8.° andar —
SÃO PAULO

PROSSEGUEM EM CAMPINAS AS COMEMORAÇÕES DA PRIMEIRA SEMANA DE CARLOS GOMES

INAUGURA-SE HOJE A EXPOSIÇÃO DAS OBRAS DO IMORTAL COMPOSITOR

CAMPINAS, 23 (Sucursal) — Prossegue nesta cidade as comemorações da I Semana de Carlos Gomes. Ontem, o sr. Mario Barata, representante do Pará, proferiu uma palestra no Centro de Ciencias, sobre "Carlos Gomes e o Pará", entregando a seguir, à diretoria da entidade, uma medalha comemorativa do primeiro ano de governo de Lauro Sodré, doado pela viuva do estadista.

Hoje, à noite, o sr. Clovis de Oliveira proferiu uma palestra, no Teatro Municipal, sobre o tema "Carlos Gomes, fonte inspiradora da musica brasileira". A parte artistica esteve a cargo das alunas do Conservatorio Musical Campinas.

Amanhã, às 20 horas, será inaugurada no saguão do Teatro Municipal uma exposição de originais das obras de Carlos Gomes, cedidas por emprestimo, pelo sr. Alcindo Sodré, diretor do Museu de Petropolis. A exposição constará de seis quadros representando cenas do "Guarani" e de um retrato de Carlos Gomes. Os campineiros poderão ver, tambem, as partituras originais de "O Guarani", "Fosca", "Salvador Rosa", e "Maria Tudor", alem das peças avulsas "Cosé l'Amore", "Bella Tosa", "Conselhos", "Oblic", "Spirto Gentil", "Rondinela", "Hino Para Grande Orquestra e Banda". Há tambem a peça impressa "Hino para festejar o primeiro centenario da Independencia Americana", composto por Carlos Gomes, por ordem de D. Pedro II. Figuram ainda na exposição, cartas trocadas entre D. Pedro II e membros da familia real brasileira.

Amanhã, à noite, o sr. Paulo Botelho de Camargo fará uma conferencia no Teatro Municipal.